

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

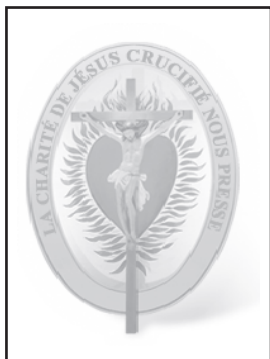
Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

MAIO
JUNHO
2020
Nº3

MEU DEUS, EU ME OFEREÇO A VÓS.
DESEJO SER TOTALMENTE À VÓS,
Ó MEU DEUS FAZEI DE MIM O QUE QUISEDES
Ó MARIA, DAI-ME O VOSSO AMOR
SEM VÓS, EU PEREÇO, SALVAI-ME.
CONCEDEI-ME TODAS AS GRAÇAS
DAS QUAIS TANTO NECESSITO.

Santa Catarina Labouré
Manuscrito 448



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

Vida espiritual

- 147 Carta de 9 de maio de 2020
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 152 Carta de 1º de julho de 2020
Irmã Françoise Petit, Superiora geral

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

- 158 Luísa de Marillac
Um modelo e um espelho para nos olharmos com frequência
Seu processo de crescimento pessoal
Irmã Carmen Urrizburu, Filha da Caridade
- 193 A vida fraterna
Um testemunho fascinante e resplandecente
Irmã Antoinette-Marie Hance, Filha da Caridade

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 217 Província da Amazônia
Ajudar os pobres na Amazônia durante a pandemia de 2020
Irmã Anagilsa Sampaio Bentes, Filha da Caridade

Carta de 9 de maio de 2020

Queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Sete semanas já se passaram desde que a Irmã Kathleen voltou para o Senhor a quem ela tanto amou e serviu. Desde então, inúmeras mensagens e cartas nos foram enviadas e, por isso, gostaria de agradecer-lhes por estes sinais de gratidão e de carinho fraterno pela Irmã Kathleen, bem como o apoio, através da oração pelos membros do Conselho Geral e por mim mesma. Ficamos muito sensibilizadas com isto e sentimos o quanto estávamos próximas umas das outras. Muito obrigada de todo o coração!

Em nosso Conselho de 29 de abril, após ter estudado o resultado da consulta, rezado, refletido e discutido, nomeamos **Irmã Luisa FARRI**, Conselheira Geral até a próxima Assembleia Geral de 2021. Irmã Luisa pertence à Quase-Província; é Irmã Servente da Comunidade da Casa Maria Immacolata em Roma e foi, no passado, Visitadora de uma Província da Itália. Ela aceitou este ofício com uma grande disponibilidade e generosidade apesar do desprendimento que lhe é pedido. Ela terá particularmente a responsabilidade da Quase-Província, das Províncias Graz-Europa Central, Colônia-Países Baixos, Bélgica-França-Suíça, Próximo Oriente, San Vincenzo-Italia e da Sardenha. Ela participará da preparação da Assembleia Geral e poderá especialmente acompanhar o processo de reunificação das duas Províncias da Itália. Peço-lhes que se lembrem dela em suas orações.



Vida
Espiritual

Carta de 9 de maio de 2020

Há várias semanas que o mundo está desnordeado diante de uma pandemia que ninguém pensava que pudesse um dia viver. A globalização nunca tinha se manifestado de uma forma tão concreta e violenta. A humanidade pensou que era todo-poderosa, tanto em termos do conhecimento como no âmbito das ações, mas a sua fragilidade se manifesta de forma evidente.

É necessário pensar no presente e, ao mesmo tempo, perceber que existe um futuro a ser reconstruído num clima de interrogações, dúvidas, medos, onde passamos de incerteza a incerteza.

Nós, Filhas da Caridade, estamos nesta tormenta e devemos enfrentar este duplo desafio: o da necessidade de nos proteger pois “*O que vos recomendo, com mais insistência e afeição, é que tomeis todas as precauções razoáveis para vos conservar com saúde*” (SV, vol. VI, de 1º de dezembro de 1656, pág. 161) e o de responder ao chamado para servir aqueles e aquelas que mais sofrem com esta pandemia: “*Como! Ser cristão, ver o irmão aflito e não chorar com ele, e não sofrer com ele! É não ter caridade. É ser cristão na aparência. É não ter humanidade*” (SV, vol. XII, de 30 de maio de 1659, pág. 276).

Atualmente, todas as Províncias estão afetadas. Rezemos particularmente pelas Províncias da Espanha e de San Vincenzo-Itália que são as que mais sofrem no âmbito da saúde das Irmãs, com uma quantidade de mortes elevada.

Além disso, sabemos que um grande número de Irmãs foi testado positivo em todas as Províncias. Infelizmente, algumas ainda estão hospitalizadas, especialmente na Polônia, na Província de Chelmino-Poznan, e temos o conhecimento de alguns óbitos relacionados diretamente ou não ao Covid-19 que, por vez, agravou o estado de saúde já fragilizado e preocupante.

Devido ao confinamento decretado repentinamente, várias Irmãs ficaram retidas fora de suas Províncias. Na Casa Mãe, após a Sessão de março, cinco Irmãs da América Latina e uma Irmã do Congo não puderam viajar. Em outros locais, há Irmãs missionárias que estavam com suas famílias ou Irmãs em formação no exterior que também estão obrigadas a esperar pelo fim do confinamento. As Irmãs do Seminário Interprovincial

da América Latina que faziam o estágio apostólico em vários países, não puderam regressar ao Seminário.

A incerteza reside também na realização das Assembleias Provinciais. No momento atual, os Conselhos Provinciais estão trabalhando para adaptar às suas realidades as datas, os locais e as modalidades. Trata-se de organizar de modo diferente do habitual, conservando ao mesmo tempo a qualidade destas Assembleias, tão importantes para o futuro da Companhia. Com a flexibilidade e a reflexão, isto é possível, e confiamos em cada Província e em cada Irmã, para se responsabilizar neste sentido. A prioridade é conservar o essencial: apoiadas no Senhor, concentremo-nos naquilo que nos torna cada vez mais Filhas da Caridade e fortifiquemos a comunhão nas Províncias e em toda a Companhia. Os quatro maiores desafios que nos são propostos são mais do que nunca atuais, evidentemente, eles serão considerados à luz do que o mundo vive hoje e se preparar para viver amanhã.

“Ephata...” Ousemos nos abrir ao pensamento umas das outras, às novas realidades do mundo, convictas de que o Espírito nos conduz neste período difícil. O contexto da crise ressalta as desigualdades, a pobreza crescente e vai nos obrigar a repensar, talvez de outra maneira, os serviços, as prioridades missionárias e, certamente, nossa maneira de viver.

“Continuemos com confiança nossos compromissos nos caminhos já conhecidos e percorramos com entusiasmo e generosidade, novos caminhos” (DIA, pág. 15).

As Visitadoras e as Comunidades testemunham as consequências imediatas para as pessoas em situação de grande precariedade, mas, também para a classe média, com o aumento do desemprego. A fome, com um real perigo de escassez, começa a surgir em todos os continentes. A angústia e a violência aumentam nas pessoas mais frágeis e nas famílias que estão em maior dificuldade. Os migrantes e os indocumentados veem sua situação se tornar cada vez mais desumana...

Em toda parte, na urgência, as Filhas da Caridade se organizam e participam com outros na distribuição de alimentos, na entrega de cestas, com visitas ou atendimento telefônico para apoiar aqueles e aquelas que não podem mais sair ou que são relegados às periferias das periferias.

Carta de 9 de maio de 2020

Na área da saúde, as Irmãs continuam seu serviço e substituem muitas vezes os funcionários ausentes, ou ainda, vão ao encontro das pessoas que moram nas ruas, particularmente as crianças.

Santa Luísa, durante um período de epidemia recomendava às Irmãs: *“Não ireis ver os doentes, eu vos peço, sem antes esfregar o nariz com vinagre e molhar as fontes com ele”* (SL, C. 683, pág. 723). Hoje, sem dúvida ela diria para utilizar muito bem o álcool gel!

Surgem iniciativas com os jovens dos estabelecimentos escolares, atualmente fechados, para confeccionar máscaras, preparar refeições para os sem-abrigo. As Irmãs também estão envolvidas no ensino à distância, seja com as equipes educativas ou no contexto das associações.

Mais do que o normal, a Medalha é usada para apoiar a oração e a confiança. Ela é acolhida como um sinal da presença, da benevolência de Deus. As Irmãs da Casa Mãe recebem muitos pedidos e enviam medalhas para o mundo inteiro. As Províncias também dão testemunhos disso. Intensifiquemos a nossa oração a Maria e usemos oferecer mais medalhas.

Tantos caminhos já conhecidos, mas que voltaram a ser prioritários. Agora, temos a exigência de tomar novos caminhos e, de alguma maneira, as Assembleias serão celebradas no momento certo, embora tudo seja mais complicado!

E, se estas Assembleias, independentemente da forma como serão vividas, se tornarem uma oportunidade para tomar decisões simples, de bom senso, sem medo, com entusiasmo? O futuro nos dirá se juntas sabemos, como a Companhia sempre fez, viver transições para encontrarmos cada vez mais os nossos irmãos e irmãs mais pobres.

Algumas notícias da Companhia para rezar com esperança e confiança...

No Vietnã, na noite de 26 de abril, a casa da Comunidade de Anê Thành – Tà Ghênh foi totalmente incendiada. As quatro Irmãs conseguiram escapar, quase que milagrosamente, duas delas pulando do primeiro andar. A Província deseja retomar rapidamente esta missão, aberta no final de

2018, pois está situada numa zona rural, isolada e pobre. Asseguramos às Irmãs as nossas orações.

Em Huaquillas, na fronteira entre o Equador e o Peru, em 14 de março de 2020, uma Comunidade Internacional foi aberta com três Irmãs de diferentes Províncias da América Latina, para ir ao encontro de centenas de migrantes da Venezuela que se acham neste local. Por causa da epidemia, eles tiveram que partir, assim como as Irmãs. O projeto deverá reabrir assim que possível.

Em várias Províncias da África, em fevereiro e março, as Irmãs tiveram a alegria de acolher postulantes no Seminário: 8 no Congo, 8 em Madagascar, 7 na África Central/Camarões e 6 em Moçambique.

O mundo, a Companhia, já viveram momentos de crise. Santa Luísa, da qual celebramos o centenário da beatificação (9 de maio de 1920), pode nos inspirar. Releiamos o que ela escreveu à Joana Lepintre, Irmã Servente em Nantes, durante o grande tormento da Fronda: *“nestes tempos de aflição!... nossas queridas Irmãs... puderam continuar no serviço dos pobres doentes e também dos que não tinham pão, pois não podeis fazer uma ideia da quantidade de esmolas distribuídas em Paris. Creio ter sido isso que atraiu a misericórdia de Deus sobre nós, para dar-nos a paz”* (SL, C. 280, de 6 de abril de 1649, pág. 320).

Termino desejando a todas uma belíssima festa de Santa Luísa. Ela nos acompanha nestes caminhos desconhecidos. Exorta-nos a não desanimar e avançar sem temor na escuta do que o Senhor nos inspirará. Conservemos a alegria de servir, a alegria de amar e a alegria de rezar.

“Minhas queridas Irmãs, continuo pedindo a Deus por vós e rogo conceder-vos a graça de perseverar em vossa vocação para que possais servi-lo no modo como Ele vos pede...”
(Testamento espiritual de Santa Luísa, E.111, pág. 967).

Tenham a certeza da minha oração e a dos membros do Conselho Geral.

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

Carta de 1º de julho de 2020

Queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Há dois meses, compartilhei algumas notícias sobre as Províncias, especialmente no que se refere à pandemia do COVID-19. Desde então, tenho recebido muitos pedidos para dar novas informações. Por isso, parece-me bom compartilhá-las, sabendo que o mundo está longe de terminar o combate ao vírus e que as situações são bastante mutáveis.

O que aconteceu na Companhia nestas últimas semanas? As Conselheiras Gerais indagaram algumas Províncias. Apresento aqui uma visão global do que se vive atualmente.

Ásia

De modo geral, as Irmãs estão bem de saúde.

Na Índia, a contaminação e as mortes relacionadas ao COVID-19 estão aumentando. Nas cidades, há milhares de pessoas que estão desempregadas e retornam para as suas cidades de origem levando consigo o vírus. As escolas, as Igrejas e outros lugares de culto continuam fechados. As Filhas da Caridade, em colaboração com as associações, participam da distribuição de alimentos para as pessoas desabrigadas. As pessoas em situação de grande precariedade que são acolhidas pelas Irmãs estão sendo bem cuidadas. Em nossos hospitais, conforme vão chegando, são acolhidas tanto as pessoas que estão em quarentena, quanto as que foram diagnosticadas positivo. Nossas Irmãs e outras enfermeiras estão sempre presentes e realizam um excelente trabalho no hospital.

No Camboja e no Laos há poucos casos e, as fronteiras desses dois países foram abertas de maneira seletiva, com muitas exigências e vistos restritos.

Nas Filipinas, a Igreja está particularmente ativa no combate às consequências da pandemia. As Irmãs mantêm seus serviços nos hospitais, escolas e centros sociais e, apoiam financeiramente ações de ajuda alimentar e de vigilância sanitária. As viagens das Irmãs para suas novas missões foram adiadas devido as restrições de deslocamento tanto para o interior como para o exterior do país. Por causa disto, as postulantes e as Irmãs do Seminário, que estavam nas Comunidades locais para o estágio apostólico, não puderam retornar. Assim sendo, o Conselho Provincial decidiu adiar a entrada no Seminário e o Envio em missão.

No Vietnã, desde o início do mês de maio deste ano, nenhum novo caso de contágio foi registrado. As pessoas regressaram ao trabalho, os serviços públicos estão novamente abertos e os estudantes estão de volta às escolas. As nossas Irmãs servem regularmente os pobres e nenhuma delas está infectada.

Europa

Nos países onde a Companhia está presente, os benefícios do confinamento e dos cuidados médicos permitiram uma diminuição considerável da epidemia, sem, no entanto, desaparecer completamente.

As Irmãs que foram hospitalizadas, especialmente na Polônia, receberam alta, estão fragilizadas, porém, curadas. As Irmãs que podem, continuam participando de ações de ajuda, sobretudo, às pessoas desabrigadas e idosos solitários.

Em todas as Províncias da Espanha, a situação está melhorando, porém, tem sido um período muito doloroso. As Comunidades enfrentam dificuldades e as Irmãs participam da distribuição de alimentos. Jornalistas falam de “fila da fome”.

Na Itália, que também foi fortemente atingida, constata-se uma evolução positiva da situação. Algumas Irmãs ainda estão sofrendo e

Carta de 1º de julho de 2020

outras têm muita dificuldade de se restabelecer da enfermidade. As Irmãs estão se mobilizando com diferentes pessoas, pois a pobreza aumenta a cada dia.

Na França, o número de mortes de moradores de rua dobrou, em relação ao mesmo período no ano passado. As Irmãs que habitualmente já os servem, estão novamente inseridas no trabalho com as associações.

Em Portugal, a pandemia está bastante controlada. Em uma paróquia, as Irmãs distribuem alimentos. À noite, durante o confinamento, elas percorreram de carro as ruas da cidade com alto-falantes para rezar o terço. As pessoas abriam as janelas ou saíam na varanda para rezar em comunhão com as vítimas da pandemia.

Estados Unidos

Após três meses de confinamento, as portas se abriram com as manifestações e passeatas pelo movimento “Black Lives Matter” que finalmente foram pacíficas. A maioria das pessoas usa máscaras, pois a situação quanto ao COVID-19 permanece preocupante.

Uma Irmã faleceu por causa do vírus. Progressivamente, as Irmãs estão de volta aos serviços. Durante todo o período de isolamento social, elas utilizaram os meios de comunicação existentes (telefone, web, zoom) para permanecer em contato com as pessoas e entre as Comunidades.

América Latina e Caribe

A situação está cada vez mais grave em praticamente todos os países.

Algumas Irmãs faleceram devido ao vírus. Todas conhecem padres ou membros de outras Congregações, vítimas do vírus, de modo particular os padres jovens. As Irmãs participam na distribuição de alimentos, principalmente para os desabrigados e os migrantes. As fronteiras são os locais mais atingidos, com milhares de famílias retidas, sem recursos, sem higiene e sem meio de proteção. As Irmãs distribuem também máscaras e materiais de higiene. A prevenção se organiza junto as pessoas mais vulneráveis.

As três Irmãs da Comunidade de Huaquillas (fronteira do Equador e do Peru), sobre as quais mencionei na carta de 9 de maio de 2020, puderam regressar à missão. Elas constatam que o mais urgente é fornecer alimentação, água e, pelo menos, uma máscara por pessoa. Trata-se de refugiados venezuelanos que estão ilegais nesta fronteira e que não têm mais o direito de regressar ao país. Que futuro os aguarda? E quanto à participação da Companhia?

No Brasil, várias Irmãs estiveram hospitalizadas ou faleceram. No entanto, as Filhas da Caridade estão conscientes de que não podem permanecer inertes diante das dificuldades encontradas pelas pessoas mais pobres. Cada Província tenta se mobilizar perante a fome, a morte, o desemprego, etc.

Alguns exemplos: a reabertura de um abrigo para as pessoas moradoras de rua, onde é oferecido um espaço para tomar banho e se alimentar. Às vezes, as Irmãs acolhem até 200 pessoas por dia. Uma Província tomou a iniciativa de efetuar ações de ajuda com a Família Vicentina e outras associações, principalmente, ajuda alimentar para as famílias dos migrantes.

África

A quantidade de casos de COVID-19 aumenta progressivamente e de forma diferente de acordo com os países. Em toda parte, a questão da fome e da delinquência se apresenta com intensidade. É difícil encontrar alimentos e as pessoas não podem se deslocar. As escolas estão fechadas.

Em Madagáscar, as urgências sanitárias se tornam veementes e nota-se o ressurgimento da malária. A situação social se agrava.

Em Moçambique, as Irmãs continuam sua missão. Até agora, embora trabalhem em hospitais, nenhuma delas foi contaminada pelo vírus. As medidas preventivas estabelecidas pelo governo não são respeitadas, deste modo o número de casos tende a aumentar. As Irmãs encontraram pessoas idosas e isoladas, sem comida e sem água e, as convidaram para o abrigo.

Carta de 1º de julho de 2020

No Congo, o nível da epidemia do COVID-19 é bastante baixo. Porém, o vírus Ébola, que é muito mais perigoso, voltou. Nos arredores de Mbandaka, onde se situa a Casa Provincial, a área está contaminada. Evidentemente que as Irmãs estão muito preocupadas e devem enfrentar a falta de abastecimento de combustível, de material de proteção... Uma parte da cidade de Kinshasa está confinada.

Na Nigéria, as Irmãs continuam suas ações. Elas compartilharam mais informações no site da Companhia. Trata-se de um artigo muito interessante, convido-as a lê-lo.

No Quênia, a maioria dos casos de infecção foi constatada em Nairobi e na fronteira entre o Quênia e Uganda; o número não para de aumentar. O uso de transportes públicos tornou-se impraticável. A Comunidade de Kiiro está totalmente isolada. No entanto, o programa DREAM pode prosseguir. Em Chanzo, o programa contra a fome continua.

Finalizo com notícias da Casa Mãe! Todas as Irmãs estão bem e com saúde. No dia 02 de junho, a Capela reabriu suas portas, com todas as medidas de precaução necessárias e, em 23 de junho, as missas voltaram a ser celebradas para os peregrinos.

Nem todas as Províncias foram mencionadas nesta carta, porém, cada uma pode imaginar que elas estão incluídas e enfrentam corajosamente às situações de emergências, ao mesmo tempo que se questionam sobre o futuro, sobre a presença e a ação das Comunidades depois destes meses conturbados.

Será prematuro ousar dizer que, talvez, este tempo seja “ainda mais”, o tempo da revisão dos diferentes serviços? O que será que São Vicente e Santa Luísa estão sussurrando em nossos ouvidos?

Todos estes acontecimentos reforçam nossa comunhão e nos impelem a intensificar nossa oração umas pelas outras. Que a Companhia, em todos os lugares onde está presente, saiba manter o essencial daquilo para o qual nasceu: “*É pela Caridade, é por Deus, é pelos pobres*” (Documentos, nº 738, pág. 965).

Aproveito esta oportunidade para compartilhar algumas informações referentes às Assembleias Provinciais. Nesta data, quatro

Províncias já concluíram as suas Assembleias, que foram celebradas como previsto e num só local. Contudo, a maioria das Províncias teve que adiar a Assembleia e, por vezes, efetuá-la em lugares diferentes. Quase metade delas programou a Assembleia para o mês de julho e agosto. As demais organizaram para o mês de setembro, outubro, novembro e uma Província terminará na bela data de 8 de dezembro. Portanto, podemos dar graças a Deus por toda esta reflexão realizada com criatividade, paixão e confiança! Agradeço aos Conselhos Provinciais e a todas pela disponibilidade e pelo empenho em fazer todo o possível para viver, de outra maneira, este tempo de Assembleias. Certamente, o Senhor que tudo vê, enviará o seu Espírito sobre cada uma.

Escutemos a palavra dos pobres, acolhamos as mudanças, como temos feito nestes últimos três meses, acolhamos o imprevisto! O imprevisto dos acontecimentos, o imprevisto de Deus...

Vocês já tiveram a oportunidade de ler a mensagem do Papa Francisco para o Dia mundial dos pobres deste ano: “*Estende a tua mão ao pobre*” (Sir 7,32)? Este texto tem muita relação com o tema das nossas Assembleias, especialmente com a mão estendida do logotipo, que nos encoraja ainda mais a *sair porta afora... ir para... encontrar!*

“*Que a oração transforme a mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade*” (Papa Francisco, 13 de junho de 2020), sim pois... “*Deus pede primeiramente o coração e, depois, a obra*” (SV, conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 549).

Com a certeza da minha oração e da minha fraterna afeição.

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

S

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

Luísa de Marillac,
“*um modelo e espelho para nos
olharmos com frequência*”

Seu processo de crescimento pessoal

INTRODUÇÃO

Viver! Acredito que é disso que se trata, viver e saborear o gosto da imensa alegria ou também, de uma vida plena. A história das culturas é permeada por este desejo constante presente nas pessoas desde sempre. A *sede* de viver nos impulsiona e nos coloca no caminho da Fonte da vida. Essa inquietação latente, às vezes suave, outras vezes intensa, que estimula a busca para percorrer os caminhos até encontrar o centro do qual nos afastamos, a serenidade acolhedora. Todo mundo sente esta inquietação que pode ser estar mais ou menos escondido, porém, ela nunca nos abandona. Ela atua como um chamado para ir mais longe, e ir além dos limites.

Existir! Significa ter consciência da própria existência no sentido mais pleno que a etimologia dessa palavra oferece e que evoca realidades como sair, surgir, tornar-se, nascer, aparecer, emergir, florescer, ser. *Ex* indica a direção para fora; *sistere*, para tomar uma posição, para se fixar, para se fortalecer. Existir é esta percepção sutil que algumas pessoas bem enraizadas no coração

da vida, que sentem o impulso de sair, renascer, manifestar-se, irradiar, crescer... Como perceber alegremente no seu interior a energia de uma “*fonte de água que jorrará até a vida eterna*”¹. Saborear esta experiência tão plenamente humana é o efeito de um toque divino.

Ao longo deste dia vamos conectar este anseio e sede com o dinamismo do crescimento em vista da formação pessoal. O dinamismo do crescimento responde à urgência de nos *tornarmos* esse núcleo de vida que somos, a *imagem de Deus*. O trabalho da formação apoia, reforça e melhora o crescimento e o desenvolvimento do que somos. A Companhia vê isso como uma tentativa de ajudar a “*viver a vocação como uma configuração progressiva a Cristo*”², a “*imagem de Deus invisível*”³.

Luísa de Marillac experimentou essa sede, colocou-se a caminho e conseguiu encontrar primeiro o manancial. O chamado à vida, à alegria e ao amor ressoava no seu ser com intensidade. Ela não se acomodou a uma vida de pequeno horizonte, a uma alegria de baixa intensidade, a um amor de irradiação diminuída. Ela deixou-se tocar pela vida e pelo gosto da plenitude. E se hoje a trazemos ao presente, é porque a Companhia ainda está cheia de rumores persuasivos, como a voz doce e convicta daquela Irmã anônima que disse às suas companheiras: “*a vida da Senhora Le Gras é um espelho em que devemos todas ver-nos*”⁴. A voz hesitante e emocionada do velho Vicente de Paulo que disse alguns dias mais tarde às Irmãs ali reunidas: “*precisamos de uma cópia desse belo modelo; e para isso, devemos conhecê-la*”⁵.

1 - O INÍCIO DE UM CAMINHO ATÉ A PLENITUDE

Vamos nos aproximar de Luísa de Marillac no período que precede os seus primeiros batimentos cardíacos para descobrir os fundamentos do seu crescimento integral como pessoa. Hoje sabemos a importância da experiência de sua concepção e nascimento nesta evolução porque sabemos que ela contém as chaves que nos permitem compreender, interpretar, fortalecer e modificar comportamentos, processos emocionais, atitudes e reações futuras.

1.1 - UMA ORIGEM ENTRE SOMBRAS

Há um mistério na origem da vida humana. Os pensadores que forjaram a nossa tradição cristã formularam-no desta forma: "*Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus*"⁶. "*O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra e inspirou-lhe nas narinas o sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente*"⁷. Deus criou diretamente a vida humana enquanto homem e mulher participam na sua fertilização. Deus criou o ser humano "*à sua imagem*", por amor, e ainda que este último seja frágil, limitado e atormentado pela *tentação, goza da sua presença e proteção permanente e amorosa*. Esta realidade a que chamamos vida humana, *a imagem de Deus*, contém um projeto com vocação para se tornar esta imagem⁸, Luísa de Marillac, a mulher adulta, viveu esta convicção.

Nascida em 12 de agosto de 1591⁹ no seio de uma família que pertencia à nobreza, os Marillac. Um membro dessa família, Luís de Marillac, mostrou grande interesse em defender que era o seu pai biológico e, no estilo daquele meio social e daquela época, agiu como tal; cuidou dela, proporcionou-lhe uma boa criação e uma esmerada educação. Ele a chamou de filha e ela, ao longo de sua vida, lembrou-se dele e o honrou como pai. No seu testamento, ele afirmou que ela "*foi a sua maior consolação neste mundo, acreditava que ela tinha lhe sido dada por Deus e que foi o repouso da sua alma nas aflições na vida!*"¹⁰. Pesquisas recentes, porém, apontam indícios que ele era impotente e que deixam dúvidas sobre se Luísa era realmente sua filha. Quando a criança nasceu ele era viúvo e permaneceu assim até contrair o segundo matrimônio com Antonieta Le Camus¹¹. Esta mulher, de um estilo de vida um tanto escandaloso, deu à luz em 28 de dezembro de 1601 uma menina, Inocência, a quem Luís deu seu sobrenome e deixou toda a sua herança quando morreu¹².

Nós também não sabemos quem foi a mãe de Luísa. Embora o primeiro biógrafo a chamasse de "Margarita Le Camus", sem dar mais detalhes sobre a sua identidade, existem sérias dúvidas de que esta mulher alguma vez existiu. Suspeita-se que a mulher que a carregou no ventre era uma empregada, ou uma mulher desconhecida, relacionada de alguma forma com uma descendência da família Marillac. O silêncio à sua volta

é esmagador. Tanto que Luísa de Marillac nunca, no decurso da sua longa vida, expressou qualquer recordação dela, a mulher que lhe deu à luz. E é muito provável que ele nunca a tenha conhecido.

Durante o período em que Luísa esteve no seio de sua mãe desconhecida, a França estava em guerra e a cidade de Paris estava sitiada, de julho de 1590 a novembro de 1591. O silêncio que envolve sua concepção e nascimento não nos permite conhecer os detalhes, nem supor com certa probabilidade como essa situação enigmática afetou a mãe durante sua gravidez e a recém-nascida. No entanto, em meio aos confrontos e agressões que afligiam toda a França e particularmente na capital, podemos imaginar que o medo, a insegurança e a fome reinaram durante todo o período de gestação, bem como nos primeiros dias do nascimento de Luísa.

Ainda muito pequena, Luísa depende evidentemente de outras pessoas. O rápido desaparecimento da sua mãe biológica priva-a de todo o calor materno. À luz da psicologia moderna, imaginamos que a sua segurança emocional é afetada, tornando-a fraca e frágil. Ela precisa de contato, carícias, atenção, sorrisos, segurança, proteção, mas também de escuta. Tudo isto marcou a personalidade da criança, mas não a determinou. As oportunidades que lhe foram oferecidas têm sido de grande ajuda e têm lançado as bases do seu carácter e personalidade, porque o seu pai "vendo-se sozinho no comando, cuidava particularmente de sua educação. Ele colocou-a numa pensão no mosteiro das religiosas de Poissy, onde ela tinha algumas parentes, para lhe dar nesta casa os princípios da piedade cristã"¹³.

1.2 - NO SEIO DA FAMÍLIA MARILLAC

Criança, adolescente, jovem e adulta, Luísa era considerada socialmente uma Marillac. Ela mesma se considerou, ao longo de sua vida, como pertencendo a essa linhagem da qual recebeu como semente uma série de qualidades e capacidades; e também carências e fraquezas. Quando ela nasceu, as pessoas mais significativas do clã eram seu pai, Luís, Senhor de Ferrières en Brie e de Farainvilliers; Miguel, que se tornou chanceler e Guarda-selos; Luís, Conde de Beaumont, futuro Marechal, casado com Catarina de Médici, tia da Rainha, e Valence, casada com

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

Octavius Doni d'Attichy. Parece que, do sangue dos Marillac, ela herdou uma inteligência brilhante, uma elegância discreta e simples, um grande senso de honestidade, uma notável capacidade de liderança, fidelidade e obediência à autoridade, responsabilidade no trabalho, facilidade nas relações sociais, perseverança na realização de seus objetivos e, mesmo uma boa saúde que lhe permitiu chegar aos 69 anos, uma idade muito avançada para aquela época. Os Marillac eram pessoas influentes, de prestígio na sociedade parisiense, estavam na vanguarda da política, da cultura e da reforma da vida cristã na capital.

1.3 - A EXPERIÊNCIA DO CRESCIMENTO NO MOSTEIRO REAL DE POISSY

No Mosteiro Real de São Luís de Poissy, Luísa recebeu os seus primeiros cuidados. Ela teve uma ama que a amamentou, pessoas que estimulavam seus sentidos, a ensinaram a andar, a se expressar. Ela entra em relação com pessoas sorridentes e atenciosas. Para Jean Calvet "*os anos passados no convento de Poissy foram de completa alegria*"¹⁴. No mosteiro seu corpo começou a se desenvolver. Tudo sugere que ela recebeu uma boa alimentação e uma boa higiene. Ela crescia normalmente e desenvolvia sua mente. Com as demais crianças da sua idade, ela mergulha em um ambiente inteligente, artístico, de cultura clássica e uma bela liturgia. Dentro do currículo oferecido pelo mosteiro, Luísa é iniciada na filosofia, começa a desenvolver o gosto pela pintura e pela música, aprende latim e talvez grego, trabalha suas habilidades manuais no artesanato e participa de cerimônias litúrgicas solenes. Sua inteligência tornou-se penetrante, precisa e discursiva através do estudo de línguas e filosofia clássica; seu caráter foi fortalecido ao aprender a dominar suas paixões e a minimizar seus defeitos; sua vontade foi direcionada para a verdade, a beleza e o bem. E ali também o seu espírito foi despertado, pois ela foi capaz de descobrir o significado do transcendente. Irmã Charpy nos diz que recebeu "*uma profunda formação religiosa; que aprendeu a conhecer Jesus, a amá-Lo, a comunicar-se com Ele na oração e a servi-Lo nos pobres*"¹⁵. O convento possuía uma rica decoração que potencializava o aprendizado. Afrescos, vitrais, estátuas, livros e manuscritos mostram temas da história sagrada, da história da França, da vida dos santos, especialmente do rei São Luís. Apresentaram-no trazendo alívio aos pobres, vestindo-os, alimentando-os, lavando-lhes os pés e beijando-lhes as feridas. É por isso que Dominique Poissenet está

particularmente interessado em mostrar que em Poissy, Luísa aprendeu a caridade¹⁶. Quando seu pai a visitava, ele gostava de conversar com ela sobre seus estudos, especialmente sobre temas filosóficos, sobre como ela estava sendo iniciada na fé, e contemplava com atenção os seus desenhos e pinturas ou suas tarefas¹⁷.

Embora exista uma densa nuvem entre estes acontecimentos e nós, podemos admitir que aquele Mosteiro Real de Poissy contribuiu para compensar eficazmente possíveis carências geradas nos seus primeiros momentos de vida; que influenciaram positivamente a sua personalidade nascente; e que a dotou de uma rica bagagem cultural e religiosa.

2 - UMA FORMAÇÃO QUE A AJUDOU A CRESCER E VIVER

O dinamismo do crescimento tem em si a capacidade de contribuir para um desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa. Mas, pode ser fortalecido ou enfraquecido pelo mundo exterior com os seus estímulos e as dificuldades que se apresentam; pelo cultivo ou negligência das capacidades pessoais, pelo tipo de escolhas feitas, pela forma como se enfrenta o trabalho sobre si mesmo, pela atitude positiva e pela escuta do desejo de viver e ser feliz. A pessoa inteira emerge ao ritmo da sua evolução integral física, psíquica e espiritual. A formação que acompanha esta evolução é decisiva no processo.

2.1 - NA CASA DA SENHORA DEVOTA

Pouco antes de completar 13 anos, Luísa de Marillac foi obrigada a deixar o Mosteiro Real e mudar-se para Paris. Jean Calvet afirma que naquele momento *"abriu-se nela uma ferida difícil de cicatrizar"*¹⁸. Talvez tenha sido seu pai quem decidiu mudá-la para que ela pudesse aprender a fazer *"coisas que são convenientes para a sua condição"*¹⁹, *"costurar, cozinhar e cuidar da casa"*²⁰. Tratava-se de completar a sua formação preparando-a para a vida. No entanto, parece que a mudança teria uma motivação financeira, já que a pensão paga no Mosteiro era muito alta e chegou um momento em que ele não podia mais pagá-la por causa das muitas despesas que enfrentava. Benito Martínez pensa que *"certamente ela deixou Poissy em julho de 1604,*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

quando seu pai morreu, ninguém assumiu a responsabilidade de pagar a alta pensão naquele mosteiro para meninas nobres"²¹. Em geral, a mudança de residência foi considerada uma descida na escala social, como evidência de uma certa atitude de rejeição e exclusão por parte da família Marillac. Na verdade, não conhecemos nenhum Marillac que a acolheu ou a quem foi confiada qualquer tipo de tutela.

A casa onde ela foi morar era dirigida por uma boa, piedosa e solteira senhora que desejava fazer o bem, completando a educação de jovens meninas de classes inferiores à da nobreza. Luísa, quando ela era já de maior, descreveu-a como uma "*boa senhora devota*"²². Gobillon disse dela que ela era uma "*professora hábil e virtuosa*"²³. Ele queria criar um ambiente acolhedor e familiar em sua casa.

Os biógrafos projetam uma situação emocional complexa sobre a adolescente Luísa, durante a sua estadia nesta casa. Benito Martínez assegura-nos que "*a solidão apresentou-se a ela, já na adolescência, com toda a naturalidade, que ela era ilegítima e não tinha ninguém*"²⁴. Jean Calvet afirma que "*nela uma ferida se vai alargando; é a vocação para o sofrimento que se afirma*"²⁵, casou-se com ela. Ela era órfã, estava sozinha, e talvez se sentisse desconfortável. Ela tinha que estar claramente ciente de que sua família a estava abandonando; que não havia lugar para ela, nem na casa de seu pai, nem na casa de outros parentes; e que, como pessoa sem valor, ela tinha que ser investida no mínimo necessário. Ela teve que fazer uma dura ruptura com seu mundo anterior, dizer adeus aos entes queridos, a um estilo de vida carinhoso e ordenado, ao ambiente em que estava imersa com seus valores, seus objetivos, suas regras de comportamento, sua maneira de estabelecer relações e até mesmo sua condição social.

Apesar de tudo, Luísa logo se integrou e se adaptou à nova maneira de viver, justamente no momento em que todo o seu ser despertava para a vida na adolescência. Era o momento de forjar sua identidade, de buscar seus espaços de intimidade, de fazer novas relações com suas companheiras, de se adaptar a um estilo de trabalho diferente. Porém, o mais importante, foi um tempo rico em experiências vividas, a partir de uma certa profundidade. Nesta situação dura e difícil, Luísa conseguiu enriquecer, principalmente, a sua personalidade. "*Ela tornou-se forte, determinada e afiada para os negócios*"²⁶.

Gobillon diz que "*seu espírito tinha a capacidade de absorver todo tipo de conhecimento*". E na casa daquela senhora devota ela cultivou a inteligência teórica, através da leitura, aprendizagem de conceitos e comentários sobre eles, e alcançou uma cultura geral muito notável para uma mulher do seu tempo; ela também cultivou a inteligência prática, aprendendo e colaborando com seus companheiros no trabalho de limpeza, organização e administração da casa. Barbara Bailly diz que a ouviu dizer que "realizou trabalhos pesados na casa como, guardar a lenha e outras coisas penosas 27". Luísa continuou a desenvolver os seus dons através de trabalhos manuais: de costura, desenho e pintura. Ela aprendeu se divertindo. Diz-se que ela dedicou tempo à pintura, porque tinha "*grande entusiasmo*" e que continuou a ler manuais de filosofia "*para formar o seu raciocínio e dar-lhe entrada nas ciências superiores*"²⁸. Além disso, encontrou ali um ambiente que encorajava a virtude, aprofundando os princípios cristãos e fortalecendo os comportamentos de acordo com sua fé e educação religiosa. Em suma, na casa daquela boa senhora reafirmou, ampliou e aprofundou a cultura que adquiriu em Poissy e a completou com a aprendizagem de "*como dirigir habilmente uma família e a parte doméstica de uma fazenda ou negócios: trabalho de família, tarefas domésticas, contabilidade, etc*"²⁹. Em sua estrutura psicológica, surgiu uma atitude criativa, prudente, engenhosa e inventiva. Ela possuía "*uma inteligência arguta que sente o valor dos seus dotes, faz de todas as coisas elementos de cultura*"³⁰, pondo as bases de uma personalidade que lhe permitiu ser feliz.

2.2 – ESCOLHA FEITAS

A vida que a habita abre um caminho no meio de dificuldades. Com um grande sentido natural de prudência, baseada na formação já recebida e acompanhada pela jovem devota, Luísa faz escolhas que a apontam para a direção certa, nas circunstâncias que lhe são próprias. Na sua personalidade rica, ousada e criativa, ela encontra os recursos necessários para ultrapassar as dificuldades.

A ESCOLHA DE DETERMINADAS LEITURAS

O fato de ter mudado de Poissy para Paris permitiu-lhe experimentar uma maior abertura à atmosfera que se respirava nas ruas da capital. E o

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

seu amadurecimento psicológico ofereceu-lhe a liberdade de se mover de acordo com os seus gostos e inclinações. Na capital respirava-se ares de reforma. Após as Guerras da Religião e a benéfica política de Henrique IV, chegou o momento do despertar da dimensão espiritual das pessoas, graças às publicações das melhores literaturas mística flamenga, alemã e espanhola. Aqui e ali, surgiram grupos de pessoas que se encontravam em casas particulares para ajudar uns aos outros a viver uma fé viva e renovada. Os conventos exerceram uma notável influência renovadora na sociedade. Em 1602, Francisco de Sales tinha estado em Paris, despertando no povo o desejo de santidade e o que ele chamava de "vida devota". Os Jesuítas, os Carmelitas, os Capuchinhos estavam aparecendo naquele estágio de renovação espiritual.

Pouco tempo depois de chegar em Paris, Luísa entra de maneira entusiasmada neste ambiente. Diante de uma jovem mulher retraída, tímida e com o contato com a realidade de seu tempo muito limitado, podemos ousar pensar nela como uma jovem mulher moderna para seu tempo, em uma relação aberta com o ambiente que a rodeava. As leituras as quais ela parece ter tido acesso nesta fase da sua vida e as pessoas de referência foram as que estavam muito em voga na época. Ela lia com prazer o *Guia dos Pecadores* de Frei Luís de Granada, onde encontrou muita ajuda para entrar em si mesma, para a autorreflexão, essa necessidade que cada pessoa tem de um encontro consigo mesma. Aprendeu a observar o seu eu interior para tomar consciência do que nele aparecia e para formular compromissos práticos. Ela também leu o livro "*A Introdução à Vida Devota*", que resumia mansidão, serenidade, otimismo e, ao mesmo tempo, força, firmeza, clareza de doutrina e exigências ascéticas; e encontrou nele uma identificação na sua tendência quase natural à devoção e à santidade. A partir deste momento, este livro estará sempre presente na sua vida. Ela também leu outros livros em voga, como "*A Pérola do Evangelho*", "*Santa Filosofia*", o "*Breve Discurso*" e "*Imitação de Cristo*"¹³¹.

A paixão de Luísa pela leitura moldou a sua personalidade e marcou a sua vida. Ela se transformou em uma pessoa muito culta. Porque encontrou prazer na leitura e esta experiência orientou-a para valores que a capacitaram, abrindo-a a um horizonte espiritual, no qual caminhou com determinação, superando crises, experimentando alegrias e enchendo de sentido a sua vida.

A DECISÃO DE DEDICAR UM TEMPO PARA A ORAÇÃO

Muito tempo mais tarde, Luísa de Marillac dirá às Irmãs que começara a fazer a meditação aos 15 ou 16 anos³². Naquela época, ela já teve uma profunda experiência de oração. Segundo este testemunho, podemos dizer que por volta de 1606 ou 1607, Luísa começa a integrar, na sua vida, a oração pessoal silenciosa para se unir ainda mais a Deus. Mas, na memória de Luísa foi gravada uma experiência, bem localizada no tempo, mais do que a memória de atos isolados. Dessa experiência surgiu a atração de cultivar o relacionamento de encontro pessoal e vivo com Deus.

Dizem que, desde criança, ela tinha uma inclinação e facilidade para a meditação³³. Neste momento crítico de sua vida, no seu íntimo, deixou livre o impulso do seu coração, sentiu a necessidade de elevar o seu olhar para o céu em busca de ajuda. No silêncio, ela entra em contato com a sua própria realidade, com o seu mundo afetivo, com os pensamentos que acompanham suas experiências de abandono e solidão. Ela conseguiu encontrar a fonte viva que poderia saciar sua sede de amor, reconhecimento e segurança. A atenção consciente à Presença de Deus, no recolhimento, que, pouco a pouco, poderia estar tomando uma sombra amorosa, poderia reforçar a segurança de ser amada, poderia convidá-la à confiança e promover nela o movimento interior que permite a abertura ao transcendente e a entrega confiante. Rodeada por essa Presença, foi capaz de ordenar seus afetos, curar algumas de suas feridas, começar a crescer em maturidade e entender que tudo o que acontecia estava de acordo com a vontade de Deus. Essa experiência, mesmo com a inconsistência de tudo o que começa, logo teve o caráter de inspiração, ao mesmo tempo em que lhe comunicava uma certa segurança em suas escolhas.

A assiduidade na prática da oração criou nela um estilo, uma forma de ser orante. Pouco a pouco, a experiência espiritual se projeta no que sentia, no que desejava, no que fazia, no que falava, no que transmitia. Desta mesma época são as duas aquarelas que ainda estão preservadas. Na primeira pode-se ler: "*O nome daquele que amo*", que representa uma jovem sentada entre árvores e flores, e que quer traçar o nome de Jesus. Outra representa o Bom Pastor rodeado de ovelhas que lambem suas chagas; mas uma delas - talvez Luísa tenha desejado representar a si mesma?

UMA ENGENHOSA PROPOSTA PARA AJUDAR

A Irmã Elisabeth Charpy diz que foi na casa da senhora devota que Luísa fez "*a primeira experiência de pobreza concreta*"³⁴. Ela disse às primeiras Irmãs que a tal senhora era pobre. Nós ignoramos se esta dificuldade era uma situação transitória ou se o pensionato realmente não tinha recursos suficientes, porque os pensionistas não pagavam o suficiente para a sua manutenção completa.

Parece que Luísa tinha "*bom coração e já tinha decisão no seu espírito prático*"³⁵. Embora estivesse habituada a viver de forma diferente, ela propôs uma atividade que ajudaria a aliviar as dificuldades econômicas em que viviam. Ela disse à senhora devota "*para tomar costuras com os negociantes, pois, iria fazê-las para ter ganho. Encorajou suas companheiras a agirem do mesmo modo*"³⁶. Ainda jovem, Luísa escuta e observa tudo o que acontece no seu interior, ela se propõe agir e convidar outras jovens a colaborar. O que ela aprendera até então, colocou a serviço da dona do pensionato; além disto ela propôs intervir, com outras pessoas, em uma estrutura doméstica para transformá-la. Pode-se observar nela uma criatividade característica da sua personalidade. Em vez de centrá-la em si mesma e de se lamentar, Luísa desenvolve uma sensibilidade concreta para buscar soluções diante das situações de pobreza.

O ARDENTE DESEJO DE CONSAGRAR-SE A DEUS

Enquanto vivia naquela casa, em 23 de julho de 1606, participou de um evento que impressionou toda Paris. O que ela viveu tocou-a no seu íntimo, deixando-a comovida por um longo tempo³⁷. Despertou-se nela o desejo de unir-se às novas religiosas Capuchinhas que, em procissão, se mudaram do palacete de Vendôme, onde estavam hospedadas quando chegaram a Paris, para o novo convento, construído pela Duquesa de Mercoeur, na rue Saint-Honoré. Este novo convento ficava em frente aos dos Capuchinhos.

Foi assim que doze religiosas, quase todas jovens, desfilaram pelas ruas, com uma coroa de espinhos na cabeça e com os pés descalços. Ao lado de cada uma delas, uma princesa as acompanhava. Para abrir a procissão, estavam na frente oitenta Capuchinhos, acompanhados pelo Bispo de Paris, o Cardeal Pedro de Gondi, acompanhados pelo Bispo

Auxiliar Henrique de Gondi. O povo, impressionado com o que estava contemplando, comentou que nenhuma outra Ordem ou Congregação era tão austera quanto as Capuchinhas que eram chamadas "*Filhas da Paixão*".

No seu novo convento, as Capuchinhas foram recebidas pelo Provincial dos Capuchinhos, Henry de Joyeuse, nomeado Padre Anjo. Foi ele quem pregou a homilia. Ao mesmo tempo, o tio de Luísa, Miguel de Marillac, e Pedro de Bérulle tomaram o hábito da Terceira Ordem de São Francisco. O seu primo Octávio, o segundo filho do Guardião dos Selos, era também padre capuchinho no convento dos Capuchinhos³⁸, sendo este convento um dos centros espirituais de Paris, que acolhe também Laurent de Paris, Bento de Canfield e Honoré de Champigny que estavam na vanguarda da nascente renovação espiritual.

Luísa, que ainda não tinha 15 anos, sentiu uma grande atração pelo estilo de vida daquelas religiosas e decidiu estabelecer com elas uma relação que lhe permitiu melhor conhecê-las. Convidaram-na a entrar no convento e lá passar algum tempo de retiro, aproveitando do jardim do convento, da Igreja e do refeitório. Mais tarde, ela disse às primeiras Filhas da Caridade "*quando ia ao convento, ficava toda alegre só em ver-lhes as muralhas*"³⁹. E que "*aí, muitas vezes, comeu raízes*"⁴⁰. A Irmã Marguerite Chetif a ouviu dizer que desde muito jovem frequentava os conventos das religiosas que atraíam os fiéis pela novidade de sua vida e seu fervor"⁴¹.

O tempo passou e a sedução que aquela comunidade exerceu sobre ela não desapareceu. Não é estranho que ela deseje ardentemente consagrar sua vida a Deus como Capuchinha. Ela não se importava com as penitências que praticavam, nem com a grande pobreza em que viviam. Em seus momentos de oração, Luísa meditava e pedia luz para discernir sua vocação. Ela entendeu que a atração que sentia era um chamado de Deus e aos 20 anos de idade acreditava que chegara a hora de tomar a decisão. Ela falou com Honorato de Champigny, Provincial dos Capuchinhos e um notável diretor de consciências. Depois de várias conversas, quando pensou saber o suficiente sobre a realidade pessoal de Luísa, ele concluiu: "*Deus tem outros planos para vós*"⁴².

Habituada a aceitar a realidade tal como ela se apresentava, Luísa aceitou, contra a sua vontade, esta recusa de fazer parte da Comunidade

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

das Capuchinhas em Paris. Mas, o seu "*ardente desejo de consagrar-se a Deus*" permaneceu para sempre na sua alma.

Diante do novo, Luísa provavelmente sentiu incerteza e medo, mas, abriu-se à realidade, enfrentou o sofrimento, através do que chamamos hoje de *formação contínua*, ela continua a cultivar as dimensões importantes do seu ser. É uma jovem que educada, culta, sociável, habilidosa, criativa e piedosa. Dom Calvet afirmava que *ela teria belos olhos claros, luminosos, espelho duma alma ardente. Digamos, pois, que ela era bonita*"⁴³.

3 - CAMINHANDO PARA A LUZ DURANTE O CASAMENTO

Aos vinte e dois anos de idade, Luísa de Marillac viu abrir-se diante dela uma nova etapa, muito diferente da precedente, aliás, a única possibilidade que lhe restava: casar-se.

3.1. - UM PRIMEIRO PERÍODO TRANQUILO E EM PACÍFICO

Foi um casamento de conveniência proposto pela família Marillac. Diz-se que "*eles intervieram para que fosse rejeitada pelos Capuchinhos, deram-lhe um bom dote e, em poucos meses, arranjaram o casamento*"⁴⁴. O novo consorte, Antônio Le Gras era o "Secretário de Ordens da Rainha"; ele estava encarregado de tomar decisões gerais e escreveu cartas importantes. Ele serviu admiravelmente os interesses da família que já ocupava posições estratégicas na corte, como finanças, exército, política externa e tudo relacionado ao interior. Faltava-lhe o controlo do secretariado. Gobillón diz que Luísa "*se comprometeu em casamento*", embora acrescente que "*ela não entrou neste estado a não ser por necessidade de estabilidade*"⁴⁵. O casamento foi celebrado em 5 de fevereiro de 1613, na Igreja de São Gervásio, Paróquia de Antônio. Por este casamento, Luísa foi agregada à casa da Rainha Mãe.

No dia 4 de fevereiro de 1613, Luísa foi ao palácio dos Attichy, numa reunião perante um notário, na presença de todos os seus tios e outros familiares, Luísa ouviu, talvez pela primeira vez, e publicamente, uma proclamação da sua origem e do seu estatuto social. Ela era uma "filha natural" que residia na casa dos Attichys, e todos aqueles que ela

considerava como parentes assinaram que eram "amigos comuns" do casal. Seu esposo Antônio não pertencia à nobreza, ele era um simples escudeiro, não um cavalheiro, e, portanto, Luísa nunca poderia receber o nome de suas tias e primos, Madame, um título reservado à nobreza. Ela se chamaria *Mademoiselle*, *Senhorita*, como as outras mulheres burguesas. O conflito dentro da grande família Marillac já estava resolvido porque a partir daquele momento começariam a chamá-la de *Mademoiselle Le Gras*. Calvet diz-nos que "*mesmo querendo supor que Luísa estivesse já adiantada na prática da humildade, ela era demasiadamente mulher para não tirar, desta reunião de poderosos, uma espécie de desforra das suas amarguras da pensão pobre*"⁴⁶.

Mademoiselle Le Gras superou esta experiência humilhante, como tantas outras que teve de viver. Ela não conhecia Antônio, mas ela o amou, e a experiência do encontro íntimo deu vida a uma criança em outubro de 1613. Esta criança foi batizada na paróquia de Saint-Merry com o nome de Miguel Antônio. Ela já podia desfrutar da alegria da maternidade e desenvolver a sua ternura materna e cuidados.

A casa do novo casal estava localizada no Marais, um bairro dedicado à alta nobreza. Antônio e Luísa foram integrados na vida social da corte⁴⁷. Eles tinham uma boa relação com a família. Seu tio Miguel, pelo menos em suas cartas, estava interessado em sua saúde e em seu estado de espírito. Luísa sempre com um tom carinhoso, desejava-lhe uma vida longa e feliz⁴⁸. Sua tia Catarina de Médicis confiava-se a ele, disse: "*porque vos amo, mandai-me, de vez em quando, as vossas notícias*"⁴⁹. Dentro desse ambiente, o jovem casal vinculou-se à atmosfera espiritual moderna que estava sendo difundida em Paris. Luísa compartilhou com Antônio suas leituras favoritas e expandiu o número de seus autores preferidos⁵⁰. Quando chegou o momento oportuno, eles pediram autorização para ler a Bíblia em francês, o que lhe foi concedido. Foram assíduos às cerimônias litúrgicas que solenizavam as festas na sua paróquia e em outras Igrejas, escutando atentamente os sermões de pregadores de renome que apoiavam o movimento reformador que se afirma cada vez mais. Eles organizaram em sua própria casa um pequeno oratório onde cultivavam com fidelidade a vida de oração. O casal dá continuidade à caridade tradicional da família que, como dizem os biógrafos tinha fundado um hospital para os pobres em Puy. Madame La Cour que foi governanta da casa, disse-nos que Luísa, "*na sua juventude, tinha uma grande piedade e devoção para servir os*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

pobres: trazia-lhes doces, compotas, biscoitos e outras coisas do gênero; penteava-os e limpava-lhes o verme e os parasitas; enterrava-os". Ela acrescentou: "Deixava a companhia do esposo para subir ao morro, quer chovesse ou nevasse, a fim de aliviar um pobre que tremia de frio"⁵¹.

Entre 1613 e 1617, ela teve a oportunidade de viver um tempo calmo e pacífico, com um estilo de vida simples que a manteve vinculada à sociedade de seu tempo, em continuidade com o processo de crescimento pessoal que tinha começado desfrutando da vida familiar e das coisas da corte, sem que conseguisse saciar a sede de vida que ela havia fortemente conservado dentro de si mesma.

3.2 - SEUS PASSOS NA ESCURIDÃO EM DIREÇÃO DA LUZ

Aos 26 anos de idade, Luísa deu, portanto, passos importantes no seu processo de maturidade. Poder-se-ia pensar que tudo está certo. No entanto, ela sente no seu coração um desejo de infinito, um apelo a mais plenitude, um apelo a um aprofundamento espiritual que lhe permite ir além da simples prática religiosa.

EM MEIO AOS ACONTECIMENTOS ADVERSOS

Pouco a pouco, o ambiente exterior tornou-se mais insignificante. Ela dava a impressão de viver à força. Uma série de eventos adversos se sucedem e a afetam, tanto a ela quanto à sua família. Até este momento, ela tinha conseguido superar as situações difíceis que tinham surgido. Agora, aparentemente, faltava-lhe a energia para resistir.

O cenário político em que o casal vivia era instável. Em abril de 1617, a Rainha Maria de Médicis foi exilada. Seus súditos mais leais, Miguel de Marillac e alguns outros, a acompanharam, mas Antônio permaneceu em Paris. O seu ofício foi suspenso e a economia familiar foi reduzida. Quando dois anos depois a situação política se estabilizou e a rainha voltou a Paris, Antônio estava doente e não podia mais trabalhar na corte.

Em 10 de janeiro de 1614, Otavio Doni faleceu e, três anos mais tarde, sua esposa, Valença de Marillac, morreu em 15 de janeiro de 1617.

Os sete filhos do casal d'Attichy ficaram totalmente órfãos. Eles tinham nomeado Miguel de Marillac como o tutor dos seus filhos. A casa e os bens precisavam de alguém para administrá-los, e a família pensou que o mais apropriado era que o casal Le Gras se mudasse para aquele palácio. Luísa e Antônio dedicaram-se de todo o coração a esta tarefa, tanto que Antônio pôs em risco a sua atenção aos seus bens pessoais e assuntos e Luísa, “apesar do seu trabalho, sacrificado em favor dos seus sobrinhos, deve ter-se sentido mais uma vez humilhada naquele palácio emprestado, pareceu-lhe que era uma pessoa que tinha sido injustiçada no seu acolhimento”⁵². Os jovens não eram gratos pelos serviços que lhes estavam sendo prestados e eram até mesmo insolentes. Miguel de Marillac teve que intervir, garantindo-lhe que “o trabalho que está tendo, não ficará sem reconhecimento”⁵³.

Além disso, seu filho, que era frágil e doente, mostrou traços psicológicos não comuns para uma criança de sua idade. À medida que a doença de Antônio avançava, seu temperamento mostrava um “humor impertinente e amargo”⁵⁴.

Ela estava sentindo-se insegura com tudo o que estava acontecendo à sua volta. Esse sentimento tocou em feridas do passado. Com o passar dos dias, a insatisfação cresceu em sua mente e também a sensação de que tudo parecia ser um castigo de Deus, talvez porque ela não tivesse permanecido fiel ao seu primeiro desejo de se entregar a Deus nas Capuchinhas. Acredita-se que durante este período, ela teve como diretor o Padre Honorato de Champigny⁵⁵ que compartilhava o pensamento de Bento de Canfield. Ele falou de uma “purificação passiva” que consistia em aceitar os acontecimentos da vida para imitar Jesus Cristo⁵⁶. Perseverou nesta aceitação e, por volta de 1621, seu tio Miguel a aconselhou, dizendo-lhe: “*seu trabalho será com Deus que ela busca e Jesus Cristo a quem ama, une-se, honra com sua vida*”⁵⁷.

UMA VIDA ASCÉTICA PARA CRESCER

Sabemos, por uma de suas empregadas que, naquele tempo, a senhora Le Gras praticava a mortificação e outras práticas do que hoje chamamos ascéticas. “*à mesa, na maior parte das vezes, simulava comer, mas não o fazia; levantava-se à noite para fechar-se no seu escritório,*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

*assim que seu marido dormia. Usava cilício e tomava disciplina”*⁵⁸. Também sabemos que, "durante o Carnaval e noutros períodos do ano, seus retiros no convento das Capuchinhas, na rua Saint Honoré, completavam os exercícios de sua vida interior"⁵⁹. Seu primeiro biógrafo afirma que Francisco de Sales a visitou em sua casa, por ocasião de sua passagem em Paris, em 1619, que "a aconselhou sobre a disciplina para despertar a devoção; e, sob suas modestas roupas no estilo e na cor, ela usava um cilício"⁶⁰. Os mestres espirituais da época propunham aos seus dirigidos o que eles chamavam de "purificação ativa" que, na mentalidade de Canfield, se resumia em "imitar a vida e a paixão de Jesus Cristo através da mortificação da própria vontade, fonte e origem no homem de todo o mal"⁶¹. O Bispo de Genebra, de quem era admiradora desde a sua juventude, além de aconselhá-la três vezes por semana, com moderação, este tipo de penitência, afirmava que havia valores mais elevados, como a caridade, que ela também praticava⁶².

Esta vida ascética era a resposta aos "novos chamados à perfeição"⁶³ que recebeu de Deus, segundo Gobillon; e tornou-se um "compromisso pessoal, consciente, voluntário, livre e amoroso com o caminho de crescimento na vida espiritual"⁶⁴. Foi a ascese externa que ela uniu à interna na qual ela trabalhou virtudes como humildade, abnegação, desapego, pobreza interior, pureza e autoconhecimento. Ela tinha escolhido fazer de sua própria vida uma oficina onde trabalhava para permitir que sua dimensão espiritual surgisse e fosse purificada.

ENTRANDO NA NOITE

O caminho interior é áspero. A senhora Le Gras estava buscando alguém para acompanhá-la. É por isso que, a partir desse momento, a figura do diretor espiritual estará ao seu lado pelo resto de sua vida; primeiro Miguel de Marillac e depois João Pedro Camus a acompanharam durante este tempo. Nas correspondências que trocaram encontramos alguns sinais da situação de Luísa. Ela estava com a sensação de que tudo ao seu redor estava naufragando. O tema recorrente foi a sua relação com Deus, que também teve consequências na sua personalidade nas dimensões humana e psicológica. Ela fazia de tudo para agradar a Deus, porém, não encontrou a serenidade. Esperava que Deus respondesse aos seus esforços e desmoronava, quando não recebia o que procurava. Concentrada em si

mesma, Luísa escuta sua alma e constata o que ela chamava de "falhas" para erradicá-las, acreditando que isso iria purificar sua alma e levá-la à humildade. Toda a sua atividade foi centrada no esforço pessoal, a ponto de exercer em si mesma um voluntarismo que a deixa exausta e se mostra muito exigente para com Deus. Sua "avidez espiritual⁶⁵ crescia gradativamente. Seus diretores aconselharam-na a "*permanecer como mendigo diante de Deus, o único que tudo é*"⁶⁶.

Mademoiselle Le Gras estava prestes a poder cruzar um importante limiar que faria a diferença na sua experiência anterior com Deus. Ela estava passando pelo que São João da Cruz chamou de *noite ativa dos sentidos*, a experiência profunda que atravessa a fronteira entre o imanente e o transcendente. Ela estava entrando no misticismo, ou melhor, Deus estava conduzindo-a, em um longo processo, pelo caminho do desapego até a experiência de união com Ele como esposório místico⁶⁷. Entretanto, ela se mostrava uma pessoa deprimida, com uma tendência para a tristeza e grande instabilidade emocional. A sua vida matrimonial que aparentava ser um fracasso, dava a impressão que estava começando a entrar em uma crise de identidade. Mas ela permaneceu com "*paciência amorosa e aceitação serena*"⁶⁸, imitando Jesus Cristo.

É DEUS QUEM TRABALHA EM SUA ALMA

Luísa atravessava a experiência da "*noite ativa dos sentidos*" em direção à "noite passiva" com a consciência da "ação de Deus". Trata-se de um doloroso processo de crescimento espiritual. Ela continua sua prática ascética ou sua atividade espiritual e, ao mesmo tempo, surgiam sinais da obra de Deus em sua alma. Ela sofria no corpo e no espírito a dor de passar das trevas para a luz, da morte para a vida. Ela atravessava um "*grande abatimento de espírito*", "*grandes penas e dores interiores*", "*grandes penas muito sensíveis*", "*sentimentos de sua própria abjeção*", "*abandono de Deus merecido por causa de suas infidelidades*", "*desamparo*", "*aniquilamento*". Ela sentiu-se "*como um poço de orgulho e fonte de amor próprio*". Estes sentimentos refletiram-se no seu corpo sob a forma de "*opressão do coração, tão grande, que nos momentos mais violentos, fazia-me sofrer até no corpo*". Ela acreditava que era indigna de que a Santa Vontade de Deus se cumprisse nela, porque não tinha seguido a sua vocação.

Esta situação durou vários dias. Foi combinado com breves momentos de contemplação que a acalmaram. Assim, um dia, ele sentiu "*um pouco mais de tranquilidade, tomando como tema da oração: a paz de Deus que supera todo o entendimento*"⁶⁹. Esta experiência interior entrou plenamente no que São João chama a *noite passiva da alma*. As experiências de passividade espiritual se sucederam. "*Sentime impelida pelo desejo de dar-me a Deus, para realizar sua santíssima vontade em toda a minha vida e lhe ofereci o pensamento que me inspirava...estive durante o dia inteiro, profundamente mergulhada na consideração das Misericórdias de Deus para com suas criaturas...*". A sua oração tornou-se mais intensa e penetrante, percebendo que ela existia apenas "para Ele e n'Ele".

Em março de 1623, Luísa vive um momento de grande confusão: sentiu "*a pena que a alma experimenta por não encontrar em si senão incerteza de Deus, no seu sentimento é irremediável* pena de não encontrar em si mesmo, em seus sentimentos, nada além de incerteza sobre Deus"⁷⁰. Seu diretor João Pedro Camus lhe disse com carinho seu grande desejo: "*Continuo esperando, minha querida filha, que recobreis a serenidade depois dessas nuvens que vos impedem de ver a bela claridade da alegria que há no serviço de Deus*"⁷¹.

No dia 4 de maio de 1623, dia de Santa Mônica, em meio à sua confusão, ela fez um voto de viuvez, se Deus levasse o seu marido. Um mês depois, em 25 de maio, festa da Ascensão, ela caiu "*num grande abatimento de espírito, por causa da dúvida se deveria deixar meu marido...*" Ela pensou que, desta forma, poderia reparar o compromisso que tinha assumido, quando desejou ser Capuchinha. E que, dessa forma, ela teria "*mais liberdade para servir a Deus e ao próximo*". Além disso, o seu diretor estava longe de Paris, e não era fácil para ela se comunicar com ele nos momentos de dificuldade. Luísa pensa em buscar outro Diretor espiritual que estivesse mais próximo dela para ouvi-la e dar-lhe conselhos, mas, "*ela duvidava do apego que tinha ao seu Diretor, ausente por muito tempo*". Talvez a coisa mais terrível tenha sido a "*grande dor que teve ao duvidar da imortalidade da alma*". Desde a Ascensão até o dia de Pentecostes, ela mergulhou numa aflição incrível. Sua mente atordoada produziu esses pensamentos lacerantes que despertaram sentimentos terrivelmente dolorosos.

Na manhã de 4 de junho de 1623, dia de Pentecostes, na Igreja de São Nicolau des Champs, muito perto de sua casa, durante a Eucaristia, ou em um momento de oração, "*em um instante*", uma experiência profunda a envolveu. Depois de alguns anos, ela transcreveu esta experiência em um papel que chamou de LUZ (LUMIÈRE), porque o seu "*espírito foi iluminado sobre as suas dúvidas*". Em suas palavras, podemos ver que havia Alguém que agia, e uma pessoa feliz, agraciada que acolhia e recebia esse ato: "*fui avisada, "fui assegurada", "entendi", "daria", "ele me fez ver"*". Uma pessoa agraciada "*não podia, porém, compreender de que jeito se faria isso...*", mas, é sempre uma questão de liberdade! - podia dizer: "Eu consenti". E termina dizendo: "*senti em meu espírito que era Deus quem me ensinava tudo o que foi dito acima, e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto*". O relato, em sua expressão simples, direta e precisa, reflete o esquema de outras experiências de natureza mística. Dentro dela estava assustada e maravilhada. Ela estava também serena e em paz. As dúvidas foram dissipadas. Ela deveria permanecer com seu marido; e que no futuro estaria em condições de fazer votos, em uma pequena comunidade, em um lugar dedicado a servir o próximo com movimentos de idas e vindas. Outro Diretor lhe seria dado⁷². Era uma promessa porque parecia que nada devia mudar imediatamente ao seu redor; era também uma certeza: Deus lá no mais profundo do seu ser, uma Presença viva e vivificante. Já São João da Cruz anunciava: "*Deus iluminará a alma, não somente dando-lhe conhecimento de sua baixeza e miséria, mas também da grandeza e da excelência de Deus*"⁷³.

4 - HABITADA PELA LEI DO AMOR

A experiência de Pentecostes, em 1623, ficou gravada no coração de Luísa de Marillac para sempre. Alguns anos mais tarde, antes de 1650, por ocasião de uma festa de Pentecostes, ela comentou que, há algum tempo, naquele dia, Deus colocou em seu coração "*uma lei que nunca se afastou dela*"⁷⁴. Habituada à linguagem teológica, ela se referia a uma nova maneira de experimentar a vida inaugurada por Jesus Cristo; à "lei nova", que "é chamada lei do amor, porque funciona pelo amor infundido pelo Espírito Santo e não pelo medo; a lei da graça, porque confere o poder para agir pela fé e pelos sacramentos; a lei da liberdade (cf. Lc 1, 5), Tg 1,25; 2,12), porque nos liberta da observação ritual e jurídica da antiga Lei, inclina-nos a agir espontaneamente sob o impulso da caridade e faz-nos passar da condição de servo - que ignora o que o seu mestre

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

está fazendo - à de amigo de Cristo, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer (Jo 15,15), ou mesmo à condição de filho herdeiro (cf. Gl 4,1-7.21-31; Rm 8,15)⁷⁵. Esta expressão aproxima-nos muito do efeito que a experiência da LUZ teve sobre ela. E isso indica uma mudança de perspectiva. Até aquele momento, o plano de Deus para ela era formulado nas leituras espirituais que ela fazia e nos conselhos de seus Diretores. Em Pentecostes de 1623, o lugar do discernimento transfere as formulações teóricas externas para a voz que emerge das profundezas da alma. Luísa minimiza o papel da sua própria vontade e permite que o Espírito indique a direção, o ritmo e as opções a serem feitas. Foi o ponto de partida de um novo caminho de discernimento.

A promessa, ao ritmo de Deus, tornou-se uma realidade. Não se sabe como, quando ou onde teve lugar o encontro entre Mademoiselle Le Gras e seu novo diretor **Vicente de Paulo**. Talvez tenha sido pouco depois daquele dia de Pentecostes, em 1623, e o mais tardar no início de 1625⁷⁶.

No que se refere a Antônio, ficou claro para ela que deveria permanecer com ele. Durante três ou quatro anos, ele adoeceu e se recuperou várias vezes. Ela cuidou dele com carinho, com bondade, tentando entendê-lo para aliviar sua dor. "Ele ganhou-lhe o coração"⁷⁷. Ele morreu durante a noite de 20-21 de dezembro de 1625.

"Deus rompeu os vossos laços..." *Já não estais dividida. Agora sois totalmente do Esposo celestial... "Há tempo estais resolvida a não querer senão Ele"*,⁷⁸ disse-lhe João Pedro de Camus. Ela pensou: "*não é razoável que eu seja todo de Deus, após haver estado tanto tempo no mundo?... desejo-o de todo coração e no modo que Ele queira*"⁷⁹.

4.1 - DOANDO A VIDA, COM SIMPLICIDADE, EM TUDO O QUE REALIZAVA

Um novo tempo e um novo caminho abrem-se diante de Luísa. O futuro que, segundo a LUZ, se aproximava, permanecia em suspense. Luísa reestrutura o seu estilo de vida.

A primeira decisão foi de mudar do bairro de Marais para Saint Victor. Luísa deixou para trás seu ambiente social com seus gostos mundanos e sem importância e escolheu um lugar mais humilde, um bairro habitado por simples aldeões, trabalhadores muito pobres, mais próximos

da pobreza evangélica, qua a atraia muito. Bem perto dali, havia o Colégio des Bons Enfants onde Vicente de Paulo e seus primeiros companheiros moravam há algum tempo.

Sua segunda decisão foi a de redigir o seu "*Regulamento de vida no mundo*", para continuar seu processo de crescimento pessoal. Hoje chamamos esse documento um "projeto de vida". Parece que Luísa o escreveu durante o ano de 1626. O texto que chegou até nós foi escrito do seu próprio punho⁸⁰. Foi totalmente inspirado pelo Evangelho e contextualizado na espiritualidade francesa da época.

Luísa começa declarando dois objetivos: "*seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda humildade e mansidão*" e "*que seja feita em mim a sua santa vontade (de Deus)*". Ela explica que são frutos de um "desejo" vivo em seu coração. Ao conectar-se com esse "desejo", ele encontrou a energia, o encorajamento e a motivação para alcançar seus objetivos. Ela podia crescer interiormente e por atração. A formulação do seu primeiro objetivo: "*Seguir Jesus Cristo e servir ao meu próximo*" evocava sabiamente o mandamento principal "*amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo*"⁸¹. A beleza da "pobreza" evangélica tinha-lhe sido revelada e Luísa a escolheu porque lhe garantia a "liberdade" para viver o seguimento de Cristo e o serviço. O segundo objetivo: "*que a vontade de Deus seja feita em mim*", além de enraizá-la no cerne do Evangelho, colocou-a na corrente mais fervorosa, comprometida e moderna em que se moviam os espirituais de Paris. No breve preâmbulo do seu regulamento, afirmava que reforçaria esses objetivos com as virtudes que foram a base dos votos tradicionais "*vivendo em obediência e castidade*" e "*honrar a pobreza de Jesus Cristo*". Do princípio ao fim, o regulamento colocava em evidência que a Mademoiselle pretendia viver centrada em Jesus Cristo; Ele era o absoluto em sua vida.

Ela desejava viver conscientemente as pequenas coisas de cada dia e, de acordo com os costumes da época, dedicava tempo para:

- os trabalhos manuais, que realizava "alegremente" e que incluíam criação artística, bordados e outras "obras". Essas obras permitiram-lhe manter a consciência do momento, contribuindo com o seu resultado e valor para a "Igreja", para os "pobres" e para a sua própria "casa";

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

- a organização e manutenção da casa;
- as "obras de caridade", "a recreação", etc.;
- a "adoração", de "ação de graças", de "abandono", "confiança", "recolhimento do espírito". Ao longo do dia, havia momentos de oração e encontro com o "Evangelho", leitura da "vida dos santos", "orações a Maria", e cultivo da "presença de Deus". Ela quis prestar atenção à sua dimensão afetiva, cuja sede está no "coração", para descobrir nele o "desejo" que ansiava ser saciado; para "preservar o sentimento" que tinha sido despertado na oração; ou para "preservar no coração o sentimento do grande amor" experimentado na celebração diária da Eucaristia; e lhe dará a ocasião de "excitar o desejo do amor de Deus em frequentes afetos" através da pronúncia de pequenas e suculentas frases inspiradoras e "jaculatórias";
- para viver seus compromissos com os pobres e os doentes, visitá-los, manter seus contatos de ajuda e de amizade.

O fim de cada dia era marcado pela "*confiança na misericórdia e na bondade*" de Deus e por uma revisão de vida ou "*exame de consciência*" no qual ela se recordava das "*graças que tinha recebido durante o dia*" e "*pedia perdão pelas suas faltas*". Tudo isto numa atitude de silêncio e recolhimento, cultivando a sua interioridade.

Em sua decisão de "*ser toda de Deus*", o ano ofereceu-lhe possibilidades para esse desejo vivo. Com estes objetivos, ela escolheu os "*primeiros sábados do mês*" para fazer memória e renová-los. O tempo do "Advento" e os dias anteriores ao "Pentecostes" lhe pareceram ser o mais apropriado para "*os dias de retiro*", seguindo o plano elaborado por Francisco de Sales em seu livro "*Introdução à Vida Devota*", "*por oito ou dez dias*", em algum convento, e dedicar-se à meditação, à penitência e ao recolhimento. Em união com toda a Igreja, ela praticava o "jejum" durante os tempos do Advento e da Quaresma, nos dias anteriores às festas de Jesus Cristo, da Virgem e dos Apóstolos e todas as sextas-feiras do ano. Sua alimentação, em geral, consistia unicamente em "duas refeições por dia".

Para Luísa, o crescimento pessoal supõe prestar atenção nos pontos fracos para transformá-los e nos pontos fortes para desenvolvê-los. Por isso, no seu regulamento ela declarou que as suas "paixões" dominantes eram " vaidade e uma grande precipitação". Ela previu que para lutar contra estes pontos fracos, deveria trabalhá-los. Como já era do seu costume, ela praticaria também a disciplina e o cilício.

Sua devoção estava centrada no mistério da "Encarnação" e da vinda do "Espírito Santo". Escolheu todo 25 de cada mês e o dia da festa de Pentecostes para meditar sobre estes dois mistérios: "a Virgem", que ela adotou "como sua protetora"; e sobre o "Anjo da Guarda" e os "Apóstolos". Ela queria "imitar a vida" destes últimos porque tinham sido "imitadores de Jesus Cristo".

A centralidade da figura de Jesus Cristo, assim como a preeminência da caridade para com o próximo sobre os atos inscritos neste regulamento, garante a vivência de uma espiritualidade evangélica. A atmosfera que a rodeava era a devoção movida pelo amor, belamente divulgada por Francisco de Sales entre aqueles que liam assiduamente a sua "Introdução à Vida Devota". Esta verdadeira devoção "é um verdadeiro amor de Deus, mas não um amor qualquer, porque quando o amor divino torna bela a nossa alma, chama-se graça porque nos torna agradáveis à Divina Majestade; quando nos dá forças para fazer o bem, chama-se caridade; mas quando atinge um tal grau de perfeição que não só nos faz fazer o bem, mas também trabalhar com cuidado, frequente e prontamente, então chama-se devoção"⁸². Luísa deixou isto claro: "*não terei o desejo de servir a Deus senão na medida em que seu santo amor me atrair*"⁸³.

4.2 - VICENTE DE PAULO, "DIRIGIU-A SEM FORÇA-LA"⁸⁴.

O encontro com a pessoa de Vicente de Paulo, "o único de quem ela recebeu ajuda"⁸⁵. e "aquele que é mais amado neste mundo"⁸⁶, foi de importância capital para completar seu crescimento pessoal. Maturina Guérin lembrar-se-á, em 1660, que depois de muitos anos de conhecimento e ajuda mútua, quando Luísa falava com frequência com as suas Irmãs, ela lhes dizia que "*para a direção das almas, havia poucos tendo o método do falecido nosso honoratíssimo Pai: tinha este o dom especial de Deus, de conhecer as vias pelas quais levava seus eleitos e*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

de dirigi-los naquele caminho, à diferença de vários diretores que, em lugar de aplicar-se a entender o que Nosso Senhor pede a cada um de nós, no lugar da direção de Deus, dão a sua própria, que, embora boa, não é própria para todos"⁸⁷.

A relação entre Vicente e Luísa começou como uma relação de ajuda, direção ou acompanhamento espiritual. Esta relação se transformará progressivamente em uma preciosa amizade e uma verdadeira colaboração evangélica. Havia uma harmonia entre os dois. Eles coincidiram naquele momento, onde cada uma busca orientar sua vida na realização existencial da vontade de Deus, para levar à sua plenitude mais completa a "imagem de Deus" que haviam recebido ao nascer. Ambos queriam cultivar a "sensibilidade" para perceber a presença misteriosa de Deus em suas vidas. Os acontecimentos de Folleville e Châtillon, fazem Vicente dizer, em 1617: "É evidente que Deus estava ali agindo com seu poder". Luísa, desde o dia de Pentecostes, em 1623, quando se sentiu iluminada pela evidência: "*foi Deus quem me ensinou tudo o que foi dito*"⁸⁸. Ambos também notaram a sua natural "sede de Deus" e quiseram deixar para Jesus a iniciativa de suas vidas.

Luísa superou as suas reticências iniciais e a dependência que sentia, no início da sua relação com Vicente⁸⁹. Instável e indecisa, necessita de afeto, conselho, atenção, compreensão e escuta. Conseguiram estabelecer uma relação que foi muito frutuosa para ambos. Esta relação os ajudou a crescer, a tornar o Reino de Deus presente entre os seus contemporâneos, a colocar os pobres no centro da sociedade e a deixar uma marca que ia além dos limites do tempo.

4.3 - DESCANSAR NA CONFIANÇA

A ação de Deus no coração de Luísa de Marillac não lhe poupou o esforço de uma colaboração fiel. A crise que ela atravessou, e que foi resolvida na experiência da LUZ, a levou para, um novo nascimento. Aquela pessoa que se sentia angustiada estava vendo nascer uma nova mulher a partir da "água", através de uma purificação da pessoa como um todo, e do "espírito" porque Deus foi, e iria continuar sendo o protagonista em sua vida.

Para viver de amor, foi necessário restaurar a confiança na sua estrutura interior. Quando as necessidades básicas da recém-nascida não são satisfeitas adequadamente, instala-se na pessoa uma insegurança emocional que leva ao apego ou à indiferença e impede o dom de si mesma desinteressado. Luísa passou por muitos sofrimentos durante a sua infância, adolescência e juventude, por mensagens que ampliaram essa insegurança emocional e a levaram a sentimentos de culpabilidade, indignidade, subestimação, ansiedade, culpa e medo. Sair da crise promovendo o surgimento da nova mulher exigiu a cura dessa ferida para poder desenvolver livremente o seu ser. Vicente de Paulo repetia em suas cartas: "*sede, pois, cheia de confiança*"⁹⁰ "*repeli todos os pensamentos de desconfiança*"⁹¹, "*tende plena confiança*"⁹², "*Confiai Nele*"⁹³, "*vivei na alegria de um coração que deseja..*"⁹⁴, "*tende confiança nele e permanecei em paz*", "*vivei, por favor, em paz, nesta confiança*"⁹⁵.

Para isso, Vicente propôs à Luísa fortalecer a experiência de sentir-se "*filha amada*", "*sede, pois, sua querida filha*"⁹⁶. Tratava-se de experimentar o amor de Deus no horizonte dessa mesma experiência que Jesus de Nazaré viveu. Poder ouvir no íntimo: "Tu és a minha filha muito amada"⁹⁷. Foi uma experiência de sentir-se conectada com a origem da vida, com a fonte da qual a existência brota. Experiência de sentir uma nova energia, a "*força interior da alma*"⁹⁸. Sentir-se valorizada, apreciada, apoiada e amada; viver a vida com paixão, com todos os seus riscos e possibilidades; só poderia ser realidade se ela fundasse a sua experiência de sentir-se amada sobre uma rocha muito firme, numa "*perfeita confiança*"⁹⁹. A oração que ela aplicou na sua vida diária proporcionou-lhe o ambiente necessário para crescer nessa confiança: "*por que vossa alma não estaria plena de confiança, se ela é a querida filha de Nosso Senhor, por sua misericórdia?*"¹⁰⁰. Era uma confiança amorosa. "O amor de Deus é a única coisa com que quero que o teu coração esteja ocupado"¹⁰¹.

4.4 - ESCOLHER A ALEGRIA

Durante o longo período que Luísa ficou afetada pelo sofrimento, reina em seu coração uma profunda tristeza. Vicente tem diante dele uma mulher que muitas vezes se sentia conduzida pela força de seus pensamentos negativos que desencadeavam sentimentos de baixa estima e de culpa. Ela sabia que o melhor de cada pessoa brota da alegria¹⁰².

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

Vicente tinha a convicção de que Deus gosta que vivamos na alegria¹⁰³, visto que a alegria é uma paixão cheia de vida, energia. Era importante que Luísa trabalhasse isto e que a alegria ficasse nela enraizada.

Quando Vicente escrevia para Luísa, costumava usar esses termos: "*mantende-vos bem alegre*", "*sede bem alegre*", "*permanecei, entretanto, na alegria e fazei alegremente o que tendes de fazer*", "*vivei em paz nesta alegria*". Ela respondia aplicando-se à prática de escolher a alegria e comprometendo-se a "*trabalhar alegremente*", a observar "*o sentimento de alegria que agora sinto*", e a "*manter a alegria*"¹⁰⁴.

Luísa se esforça e, pouco a pouco, a paz e a tranquilidade instalaram-se no seu coração. Ela encontrou meios adequados: "*lembrando-nos tanto quanto possível, dos motivos que mais nos impressionaram na oração, e principalmente, dos afetos e resoluções*"¹⁰⁵, que ela experimentou no seu coração nos momentos críticos. Porém, o mais importante foram os motivos que Vicente lhe expos para descobrir a alegria: a certeza de que ela estava imitando Jesus Cristo¹⁰⁶, na alegria com que Ele aparece no Evangelho¹⁰⁷, que foi Ele quem tomou a iniciativa nas coisas que ela tinha que fazer¹⁰⁸. Como o trabalho era duro e ela estava ocupada com muitas coisas, seu diretor a aconselhou: "*procureis adquirir uma santa alegria para o vosso coração por meio de todas as diversões que vos forem possíveis*"¹⁰⁹, *permanecei, entretanto na alegria e fazei alegremente o que tendes de fazer*"¹¹⁰.

Luísa conseguiu isto provando a alegria que brota da beleza que existe nas "*coisas de Deus*": "(Tomei a) *resolução de segui-lo abertamente, sem nenhuma preferência, mas sentindo consolo em reconhecer-me tão feliz de ser aceita por Jesus a fim de viver toda a minha vida em seguimento Dele*"¹¹¹. Por volta de 1650, em 24 de agosto, Santa Luísa pegou apressadamente um papel para escrever a Vicente: "*Meu coração, ainda repleto de júbilo, pela compreensão que, me parece, lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: 'Deus é meu Deus! e pelo sentimento que experimentei da glória que todos os bem-aventurados lhe tributam, como consequência desta verdade, não pode privar-se de falar convosco esta tarde, para pedir-vos me ajudeis a fazer (bom uso) destes excessos de alegria e me ensineis alguma prática para amanhã, dia do santo de quem tenho a honra de ter nome, dia também da renovação de meus votos*"¹¹².

4.5 - IMITAÇÃO DE JESUS CRISTO

A imitação de Jesus Cristo foi a razão do comportamento de Luísa, de suas atitudes e da sua maneira de agir: *"É muito razoável que sigamos e imitemos a sua santíssima vida humana, ... e para isso, formei o propósito de, em toda ocasião de dúvida, quando não souber como agir, considerar o que Jesus fez.."*¹¹³.

O termo "fazer" não indica apenas o desempenho mecânico dos atos; inclui também atitudes, gostos, inclinações, preferências, atividades, relacionamento, enfim, tudo aquilo que nos Evangelhos, Jesus se mostrou ser um modelo. Luísa manifesta o seu desejo: *"devo imitar a Jesus como uma esposa trata de identificar-se com seu esposo"*¹¹⁴. Ela o imitou no *"não fazer"*¹¹⁵, durante sua vida oculta; na vida ativa da evangelização; como Visitadora da Caridade, com toda uma gama de nuances: o estado desconhecido, o cansaço, as contrariedades que sofreu, o escárnio, o desprezo, os maus tratos, o acolhimento favorável, os louvores, os elogios, a retirada de algumas cidades, como Chalons, por ordem do Bispo, assim como Jesus Cristo que teve que deixar Nazaré e outros lugares¹¹⁶. Nos acontecimentos de sua vida familiar, quando seus tios caíram na desgraça diante de Richelieu¹¹⁷; em sua vida pessoal¹¹⁸; para consolidar a aquisição de humildade e pobreza, para crescer na virtude, na luta contra o pecado, para perseverar na alegria e permanecer em paz. Para Luísa, a imitação de Jesus Cristo foi uma motivação interior para *"agir segundo o espírito de seu Filho quando estava na Terra... ou melhor, que esse mesmo espírito atue por meio dela"*¹¹⁹. Esta imitação teve que surgir do seu íntimo, para que ela pudesse agir *"segundo o espírito de seu Filho, quando estava na terra... com esse mesmo espírito atue por meio delas"*¹²⁰. Esta imitação tinha conseguido ocupar um lugar tão íntimo na sua pessoa que exclamou: *"o único meio que tenho para encontrar misericórdia na hora da morte é que nesse momento estejam impressos em minha alma os traços de Jesus Cristo"*¹²¹. Quatro meses após a morte de Luísa, Vicente declarou: *"Fazia o que disse São Paulo: 'Não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim'. Tinha grande preocupação em se parecer com o seu Mestre pela imitação"*¹²².

5 - UMA VIDA BEM SUCEDIDA

Eu poderia dizer muito mais sobre o processo de crescimento de Luísa de Marillac e a forma como ela abordou a sua formação contínua. Mas, eu tenho que terminar.

Neste processo, que ela viveu consciente e livremente, com grande esforço contínuo, dia após dia, convergiram várias realidades que a impeliram à plenitude. Ela foi dinamizada pelo amor de um Deus que a criou à sua imagem, a chamou a uma felicidade. Ela recebeu dons, capacidades, qualidades e presença permanente, proteção e impulso. Ela foi condicionada pela família em que nasceu, pelo ambiente e pelo tempo em que cresceu, pelas pessoas que apareceram ao longo da sua vida. Ela estava impulsionada pela sua sede de Deus, aquela sede de vida que nunca desapareceu do seu coração. Luísa percorreu um caminho de crescimento contínuo através de um real trabalho de formação, através da sua aceitação das realidades que surgiram no seu caminho, através das escolhas que fez com responsabilidade, através do acolhimento da graça, deixando-se conduzir por este Deus que lhe ofereceu um amor sem limites: "*o que ela era*"; "*O que tinha se tornado*", foi o presente que, no final de sua vida, ela ofereceu a seu Deus.

O seu percurso de crescimento seguiu uma progressão linear que, para aqueles que a conheciam, parecia ideal. Com o seu próprio esforço e com a ajuda de pessoas próximas dela, ela melhorou, aperfeiçoou as suas faculdades, capacidades, qualidades e diminuiu os seus defeitos. O que ela fez foi necessário, mas não suficiente para saborear a plenitude. Algo totalmente diferente tinha de acontecer. Deus pediu o seu consentimento para tomar a iniciativa em sua vida. Ela *consentiu* e conseguiu entregar-se totalmente a ele. Ela sentiu-se transformada. Como "*terra viva*"¹²³ nas mãos de Deus, o oleiro, o doador de *vida abundante*. Pura graça, ela nunca o poderia ter conseguido sozinha. Por isso ela podia exclamar: "*Parecia-me que tudo quanto eu era, não era senão graça*"¹²⁴. Quase vinte anos antes de sua morte, Vicente de Paulo considerava que "*ela só tinha de vida a que recebe da graça de Deus*", pois parecia "*morta, do ponto de vista da natureza...de tal modo seu corpo é frágil e seu rosto, pálido*". Tal era a "*força de espírito*"¹²⁵ que ela possuía.

Nascida na fraqueza, Luísa tornou-se "*uma mulher bem-sucedida*"¹²⁶, capaz de viver alegremente, satisfeita, realizada, desenvolvendo todas as suas capacidades. Ela foi capaz de se deixar iluminar pela alegria e sua generosidade era contagiante. Aberta à vida, à amizade, ao perdão, à graça e à transcendência, irradiava doçura, cordialidade, ternura e gentileza em suas relações. Era uma grande mulher em um corpo pequeno, uma mulher em plenitude: UMA SANTA!

Irmã Carmen URRIZBURU
Filha da Caridade

Notas:

¹ João 4, 14.

² C.49.

³ Carta aos Colosenses 1,15

⁴ SV, conf. de 3 de julho de 1660, sobre as Virtudes de Luísa de Marillac, pág. 913.

⁵ SV, conf. de 24 de julho de 1660, sobre as virtudes de Luísa de Marillac, pág. 917.

⁶ Gn 1, 27.

⁷ Gn 2,7.

⁸ Cf. Catecismo da Igreja Católica”, nº 355-368.

⁹ GOBILLON, Nicolas. "*Vie de Mademoiselle Le Gras*". Edição de 1676, livro primeiro, pág. 37.

¹⁰ GOBILLON, Nicolas. "*Vie de Mademoiselle Le Gras*". Edição de 1676, livro primeiro, pág. 38.

¹¹ Casou-se em 1584 com Maria de la Rozière que morreu em 1588 sem descendência. Casou-se novamente com Antonieta Le Camus em 15 de janeiro de 1595.

¹² MARTÍNEZ, Benito. "*Empenhada em um paraíso para os pobres*". Editorial CEME, Salamanca, 1995, págs. 13-16.

¹³ GOBILLON, Nicolas. "*Vie de Mademoiselle Le Gras*". Edição de 1676, livro primeiro, pág. 37.

¹⁴ CALVET, Jean. "*Luisa de Marillac*". Editorial CEME. Salamanca, 1977, pág. 20.

¹⁵ CHARPY, Elisabeth. "*Contra ventos e marés, Luísa de Marillac*". Edita Companhia das Filhas da Caridade, Rio de Janeiro, pág. 10.

¹⁶ Cf. POISSENET, Dominique. "*De la angustia a la santidad*". Editorial Studium, Madrid, 1963, págs. 24-25.

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

- 17 GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, pág.38.
- 18 MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 23.
- 19 GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, pág. 37.
- 20 CALVET, Jean. “*Luisa de Marillac*”. Editorial CEME, Salamanca, 1977, pág. 21.
- 21 MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 21.
- 22 Documentos, nº 803, pág. 1052, depoimento sobre as virtudes de Luísa de Marillac, dado por Bárbara Bailly (julho de 1660).
- 23 GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, pág. 6-7.
- 24 MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 23.
- 25 CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 25.
- 26 MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 23.
- 27 Documentos, nº 803, pág. 1053
- 28 GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, pág. 7.
- 29 MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 23.
- 30 CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 28.
- 31 CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 28.
- 32 Documento 822, Sobre las virtudes de Luísa de Marillac, relato de Maturina Gérin, pág.813.
- 33 Documento 822, Sobre las virtudes de Luísa de Marillac, relato de Maturina Gérin, pág.813.
- 34 CHARPY, Elisabeth. “*Contra ventos e marés, Luisa de Marillac*”. Ed. Companhia das Filhas da Caridade, pág. 11
- 35 CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág 25.
- 36 Documentos, nº 803, pág. 1053.
- 37 Tinha assistido também em 1605 a solene chegada das monjas Carmelitas da Espanha provocou um grande entusiasmo na população. Seu tio Miguel teve a grande participação na sua vida. No entanto, o impacto que este acontecimento causou passou despercebido, sem deixa resquícios nos dias que seguiram.
- 38 DIRVIN, Joseph. “*Santa Luisa de Marillac*”. Editorial CEME, Salamanca, 1980. p.31.

- ³⁹ Documento, 803, pág. 1053.
- ⁴⁰ Documento, 803, pág. 1053.
- ⁴¹ CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 29-30.
- ⁴² GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, pág. 9
- ⁴³ CALVET, Jean, “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 32-33.
- ⁴⁴ CALVET, Jean. “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 33; e MARTÍNEZ, Benito, “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 27-28.
- ⁴⁵ GOBILLON, Nicolas. “*Vie de Mademoiselle Le Gras*”. Edição de 1676, livro primeiro, Capítulo I, pág. 9.
- ⁴⁶ CALVET, Jean. “*Santa Luísa de Marillac - autoretrato*”. Editorial “Evangelizare”, 1958, pág. 35
- ⁴⁷ Deveriam participar das recepções, das audiências, das festas, dos bailes, recitais e outros acontecimentos onde se reunia a alta sociedade de Paris. Reconhecendo e aceitando a sua classe social, à sombra dos Marillac, para eles era fácil de ser reconhecidos como seus protetores. Os Marillac tinham com eles uma atitude acolhedora e próxima.
- ⁴⁸ Documento 827, pág.1.116.
- ⁴⁹ Documento 835, pág.1.122.
- ⁵¹ Documentos nº 809, pág. 1060.
- ⁵² MARTÍNEZ, Bento. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 29.
- ⁵³ Documentos, nº 827, pág. 1.116.
- ⁵⁴ GOBILLON Nicolas, «*Vie de Mademoiselle Le Gras*», Livro primeiro, capítulo III, pág. 20.
- ⁵⁵ Cf. MARTÍNEZ, Benito. “*Empeñada en un paraíso para los pobres*”. Editorial CEME, Salamanca, 1995, pág. 41.
- ⁵⁶ IBAÑEZ, J.M. “*Vicente de Paúl. Realismo y Encarnación*”. Editorial Sígueme, Salamanca, 1982, pág.148. Segundo Canfield, “imitar a vida e a paixão de Jesus Cristo, equivale a sofrer e padecer nas perseguições e sofrimentos da vida, os de Jesus Cristo. Desta maneira, o homem renova nele os sofrimentos de Jesus Cristo e Jesus Cristo sofre em seus membros”.
- ⁵⁷ Documentos 829, pág. 1118-1119
- ⁵⁸ Documento nº 809, pág.1060.
- ⁵⁹ RICHEMONT, Comtesse de. “*Histoire de Mademoiselle Le Gras*”, Poussielgue. Paris. 1883, pág.24.
- ⁶⁰ RICHEMONT, Comtesse de. “*Histoire de Mademoiselle Le Gras*”. Poussielgue. Paris. 1883, pág 25.
- ⁶¹ IBAÑEZ, J.M. “*Vicente de Paúl. Realismo y Encarnación*” [*Vincent de Paul, Réalisme et Incarnation*].Editorial Sígueme, Salamanca, 1982, pág.148
- ⁶² SALES, François. « *Introduction à la vie dévote* ».

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

- ⁶³ RICHEMONT, Comtesse de. “*Histoire de Mademoiselle Le Gras*”, Poussielgue. Paris, 1883, pág. 25.
- ⁶⁴ Cf. ANCILLI, E. “*Diccionario de Espiritualidad*” Vol. I, palabra “Ascesis”. Editorial Herder, Barcelona, 1983. pág. 172.
- ⁶⁵ Documento 830, pág. 1.119.
- ⁶⁶ Documento, nº 829, pág. 1.118.
- ⁶⁷ João da Cruz evoca estes mesmos sintomas. Ele afirma que as pessoas que entram na noite mística, renunciando, pela mortificação, a todos os gostos dos sentidos por amor de Jesus Cristo, conformando sua vida à Dele. Ele diz também que aqueles que começam a caminhar nesta noite “encontram um delicioso prazer em permanecer muito tempo em oração, e passar talvez noites inteiras lá”. Ele disse que a “falta de gosto consigo mesma, e o desconsolo que sente por não servir a Deus, agradam mais a Ele do que todas as obras e gostos que a alma tinha antes, fossem os maiores, pois tudo aquilo ocasionou muitas imperfeições e ignorâncias”. “Quando a alma nadava na abundância de seus gostos e deleites não procedia assim; pois aquela graça tão saborosa que a consolava aumentava-lhe os desejos de Deus, tornando-os algo mais ousados do que era conveniente, e até chegavam a ser pouco delicados e não muito respeitosos. “as coisas divinas não dão satisfação sensível também não encontram satisfação nas criaturas. Quando Deus coloca a alma na noite escura, ele a priva de todos os tipos de prazeres, a fim de purificar suas paixões”, que pensam que tudo consiste em “encontrar sabor e devoção sensível” e quando isso não ocorre. , “Eles ficam desconsolados”, eles pensam que “a causa da secura vem do fato de que a parte sensível não é capaz do que é puro espírito” e que muitos iniciantes têm uma “ganância espiritual”. Eles são muito oprimidos e chorosos porque não encontram o consolo que desejavam nas coisas espirituais. Muitos continuam ouvindo conselhos e aprendendo preceitos espirituais, tendo e lendo muitos livros que lidam com isso”. Ver SÃO JOÃO DA CRUZ, “*Obras completas*”, *subida ao Monte Carmelo*”. Livro 1º, Capítulo 13, 3 e4. págs. 209-210.
- ⁶⁸ SL, C. 609, pág. 650.
- ⁶⁹ SL, E. 1, pág. 779 e E.2, pág. 779-780.
- ⁷⁰ Documentos nº 832, pág. 1.120.
- ⁷¹ Documentos nº 833, pág. 1.121.
- ⁷² SL, E. 3, pág. 781.
- ⁷³ SÃO JOÃO DA CRUZ, “*Obras completas*”, *subida ao Monte Carmelo*”. Livro 1º, Capítulo 12 n.4.
- ⁷⁴ SL, C. 345, pág. 385. Ver também Carta 128, pág. 138.
- ⁷⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA nº 1.972.
- ⁷⁶ SL, E.3, pág. 781 e Documentos nº 837, pág. 1.124
- ⁷⁷ GOBILLON Nicolas, «*Vie de Mademoiselle Le Gras* », Livro primeiro, capítulo III, pág. 49
- ⁷⁸ Documentos nº 842, pág. 1.128.
- ⁷⁹ Documentos nº 841, pág. 1.128.
- ⁸⁰ SL, E.7, págs. 786-788.

- ⁸¹ Mateus 22, 36-40.
- ⁸² ŒUVRES DE SAINT FRANÇOIS DE SALES ÉVÊQUE ET PRINCE DE GENÈVE ET DOCTEUR DE L'ÉGLISE TOME TROISIÈME INTRODUCTION A LA VIE DEVOTE – ANNECY IMPRIMERIE J. NIÉRAT. p.: 55
- ⁸³ João 15,-17: "*Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí..* » e I João 4, 10: "*Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos ele amado, e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados.*"
- ⁸⁴ MARTÍNEZ, Benito. "*San Vicente de Paul, la inspiración permanente*". Editorial CEME, Salamanca, 1982, pág. 327.
- ⁸⁵ Cf. SL, C. 122, pág. 144.
- ⁸⁶ Cf. SL, C. 162, pág. 188-189.
- ⁸⁷ Documentos 822 n° 1.089.
- ⁸⁸ SL, E.3, pág. 782.
- ⁸⁹ Documento 837, pág. 1.124. A carta data de 26 de julho, provavelmente 1625, quando Luísa sem dúvida começou a encontrar Vicente.
- ⁹⁰ SV, vol. I, pág. 29 – Cartas 12 e 13.
- ⁹¹ SV, vol. I Carta 53, pág. 101 e Carta 96, pág. 161.
- ⁹² SV, vol. I, carta 41, pág. 87.
- ⁹³ SV, vol. I Carta 53, pág. 101.
- ⁹⁴ SV, vol. I, Cartas 41, pág. 88 e Cartas 12, 15, 55 e 102.
- ⁹⁵ SV, vol. I, Carta 41 pág. 88.
- ⁹⁶ SV, vol. I, Carta 12, pág. 29.
- ⁹⁷ cf. Mc 1, 11. SV, vol I, Carta 102.
- ⁹⁸ SV, Conf. de 24 de junho de 1654, sobre a inveja, págs 457-466.
- ⁹⁹ SV, vol. I, Carta 131, pág. 206.
- ¹⁰⁰ SV, vol. I, Carta 53 pág. 101.
- ¹⁰¹ Cf. SV, vol. I, Carta 27, pág. 58
- ¹⁰² SV, vol I, Cartas 23 e 49.
- ¹⁰³ SV, vol I, Cartas 39 e 85
- ¹⁰⁴ SV, vol. I Carta ^{23, 41, 49, 73, 101, 104, 117, 140, 146;} SL, E.7, pág. 786; ^{E.10, pág 791;} E.22, pág. 807.
- ¹⁰⁵ SL, E. 104, pág. 948.
- ¹⁰⁶ Cf. SV, vol I, Carta 41 e Carta 67.
- ¹⁰⁷ Cf. SV, vol I, Cartas 41 e 117.
- ¹⁰⁸ Cf. SV, vol I, Cartas 66, 140 e 146.
- ¹⁰⁹ SV, vol. I, Carta 96, pág. 161.
- ¹¹⁰ SV, vol. I, Carta 98, pág. 163
- ¹¹¹ SL, E. 22, pág. 808.
- ¹¹² SL, C. 348, pág. 387.
- ¹¹³ SL, E.22, pág. 808.

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

¹¹⁴ SL, E.22, pág. 808.

¹¹⁵ Cf. SL, C. 704, pág. 743.

¹¹⁶ SV, vol. I, Cartas ^{28, 38, 52, 62, 94;} e SL, E. 23.

¹¹⁷ SV, vol I, Cartas 90 e 113.

¹¹⁸ SV, vol I, Carta 98.

¹¹⁹ SL, E.10, pág. 791; E.22, pág. 807; E.23, pág. 811; SV, vol. I, Cartas 66, 75, 77, 114 e 117.

¹²⁰ SL, E.55, pág. 884

¹²¹ SL, E. 23, pág. 811

¹²² SV, conf de 24 de julho de 1660, sobre as virtudes de Luísa de Marillac, pág. 920

¹²³ SL, E. 13, pág. 796

¹²⁴ SL, E. 14, pág. 796

¹²⁵ SV, vol. III, carta 1002, pág. 316

¹²⁶ Equipe d'animation vincentienne. "Fiches vincentiennes". Toulouse. Cahier 51.

A vida fraterna, um testemunho fascinante e resplandecente

INTRODUÇÃO

Bom dia a todas! Estou muito feliz por estar aqui com vocês neste dia para partilhar sobre o tema que me foi pedido “*A vida fraterna, um testemunho fascinante e resplandecente*”. É um verdadeiro apelo que o Papa Francisco lançou a todas as comunidades e que a equipe de preparação adotou para fazê-lo ressoar no coração de todas, como parte desta sessão.

Para nós, hoje, este tema nos permitirá recentralizar os pontos fortes de nossa espiritualidade, pois, quanto mais vivermos em coerência com a nossa vocação, tanto mais seremos felizes, tanto mais Deus “transpirará” através de todo o nosso ser, tanto mais irradiaremos Deus aos outros. Com efeito, o Papa coloca-nos diante do desafio de uma vida fraterna autêntica que manifesta a alegria de crer no Deus de Jesus Cristo, de uma vida fraterna à imagem da Trindade que aponta a união dos corações, de uma vida fraterna ao serviço dos pequeninos que mostra uma atenção amorosa, de uma vida fraterna constantemente renovada pelo espírito das Bem-aventuranças.

Nesta manhã, proponho-lhes um percurso, em forma de quatro desafios entre outros, que nos dará ocasião de visitar, mais uma vez, rapidamente, os fundamentos de nossa vocação sob o ângulo da vida fraterna. Estes cinco desafios poderão ser uma oportunidade de confrontação com a sua experiência pessoal, com o seu percurso e suscitar (é o que eu espero) um desejo renovado de fidelidade a fim de

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

oferecer “*um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente*”, como convida-nos o Papa (*Evangelii gaudium* 99).

Quatro desafios a enfrentar para “tornarmo-nos o que nós somos” como dizia Mère Guillemin. Quatro desafios para alimentar e sustentar o desejo de fidelidade: não seria entrar cada vez mais profundamente no processo de crescimento?

1- O DESAFIO DE UMA COMUNIDADE ENRAIZADA EM DEUS, MISTÉRIO DE FÉ

Uma vida fraterna enraizada em Deus, o Deus de Jesus Cristo que busca sempre sua vontade irradia a alegria de crer.

2- O DESAFIO DE UMA COMUNIDADE À IMAGEM DA TRINDADE, MISTÉRIO DE COMUNHÃO

Uma vida fraterna à imagem da Trindade, que cultiva relações de reciprocidade irradia a comunhão.

3- O DESAFIO DE UMA COMUNIDADE COMPROMETIDA COM O SERVIÇO AOS MAIS FRÁGEIS, MISTÉRIO DE FRATERNIDADE

Uma vida fraterna onde o pobre está no centro, que exige um olhar de fé e uma proximidade verdadeira irradia o respeito da dignidade do mais humilde.

4- O DESAFIO DE UMA COMUNIDADE DINAMIZADA PELO ESPÍRITO DAS BEM-AVENTURADAS, MISTÉRIO DE SANTIDADE

Uma vida fraterna dinamizada pelo espírito das Bem-Aventuranças, que suscita disponibilidade, generosidade, audácia irradia uma caridade sem fronteiras.

1- UMA COMUNIDADE ENRAIZADA EM DEUS, MISTÉRIO DE FÉ

1º DESAFIO: Para que nossa vida fraterna seja um testemunho fascinante e resplandecente, supõe-se que ela esteja enraizada em Deus, no Deus de Jesus Cristo. Uma vida fraterna fundamentada na iniciativa livre e gratuita de Deus, mistério de fé.

A VIDA FRATERNA EM COMUM PERTENCE AO PROJETO DE DEUS

Para começar, lembremo-nos desta primeira afirmação expressada no documento: a vida fraterna em comunidade no nº 1, 7a “... antes de ser um projeto humano, a vida fraterna em comum faz parte do projeto de Deus, que quer comunicar sua vida de comunhão... O Amor de Cristo reuniu para se tornarem uma só coisa um grande número de discípulos a fim de que, como Ele e graças a Ele, no Espírito, pudessem, através dos séculos, responder ao amor do Pai, amando-o “com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças” (Dt 6, 5) e amando o próximo “como a si mesmo””. (Cf. Mt 22, 39). Em outras palavras: “não fostes vós que me escolheste, mas fui eu que vos escolhi”. (Jo 15,16)

Por outro lado, também é bom especificar que a vida fraterna é para nós um componente de nossa vocação de Filhas da Caridade, não é um fim nela mesma, mas um mistério de fé e de comunhão, completamente orientada para o serviço dos pobres; nossas primeiras Regras formulam isso bem claramente “... Chamadas e reunidas por Deus para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres” (Regras comuns I,1).

CRER NO DEUS DE JESUS CRISTO QUE MODELA NOSSA VIDA FRATERNA

O amor de Deus se manifesta em sua mais alta expressão, na total entrega que Jesus faz de sua vida: nossa vida fraterna vai até o dom de nós mesmas pelo bem da outra? Ela é testemunha de um Deus que se deixa tocar pelo homem, que é apaixonado por ele e quer salvá-lo? Seu amor se revela no coração traspassado de Jesus, fonte de vida nova: nossa vida fraterna se revitaliza neste coração de Jesus? Ele se comunica a todos através do dom do Espírito: nossa vida fraterna é fortificada por este dom do Espírito? Nós recebemos Jesus em cada Eucaristia: nossa vida fraterna se alimenta de sua vida? O Amor de Deus e o amor dos homens estão profundamente unidos. Comungar com o Cristo é comungar com todos os homens que Deus ama. Com Ele, tornar-se o próximo de todo homem, significa revelar através de sua vida esta ternura de Deus pelo homem.

CRER NO DEUS DE JESUS CRISTO NUM MUNDO INTER-RELIGIOSO

Na nossa sociedade multicultural, onde o pluralismo religioso faz parte do nosso quotidiano, onde escutamos falar de “Deus no plural”, as múltiplas maneiras de crer nos obrigam a aprofundar nossa própria fé cristã, alimentando-a, partilhando-a com outros cristãos, atualizando-a nos nossos comportamentos costumeiros, nos nossos engajamentos, dando, por exemplo, uma explicação clara de como viver um diálogo inter-religioso construtivo. Por ocasião do Ano da Misericórdia, o Papa Francisco expressava-se, assim: *“possa este Ano Jubilar, vivido na misericórdia, favorecer o encontro com estas religiões (judaísmo e islamismo) e com as outras nobres tradições religiosas; que ele nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos; elimine todas as formas de fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação”* (Misericordiae Vultus, 23).

CRER NO DEUS DE JESUS CRISTO NUMA SOCIEDADE FRAGMENTADA

Por outro lado, é claro que estamos imersos numa sociedade fragmentada, num ambiente consumista e até suspeito, onde Deus é frequentemente o grande ausente, onde várias correntes filosóficas e ideológicas minam nossas convicções e até as questionam profundamente. Esta realidade obriga-nos a um discernimento espiritual contínuo para permanecer atentos às novas problemáticas, para não escorregar na confusão, no amálgama (erro de julgamento/confusão) ou no endurecimento. Um discernimento que não se reduz *“apenas a uma boa capacidade de raciocinar ou sentido do bem comum, mas é igualmente um dom para pedir com confiança ao Espírito Santo e, ao mesmo tempo, nos esforçarmos por cultivá-lo com a oração, a reflexão, a leitura e o bom conselho”* como nos convida o nosso Papa atual (*Gaudete et exsultate*, 166 e 170).

Nosso testemunho comunitário, nossa vida fraterna inspirará aqueles que encontrarmos para descobrir este Deus Amor em quem acreditamos? Aquele que dá sentido à nossa vida, nos faz existir, nos preenche e quer a felicidade de todos os seus filhos, sem exceção. Nossa fé num Deus Pai, num Deus Amor modela toda nossa existência, nossa vida fraterna será realmente um testemunho dado a todos, se formos

cada vez mais convencidas como Santa Luísa *“Amor de Deus para com os homens, que o levou a querer que seu Filho se fizesse Homem, porque põe suas delícias em estar com os filhos dos homens e, a fim de que acomodando-se ao estilo dos homens, lhes desse todos os testemunhos que sua vida humana contém, de que Deus os amou desde toda a eternidade”* (SL, E. 105 (A.27), pág. 952 – Prática do puro Amor).

Sim, somos *“chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou”*, como nos dizia Bento XVI em Porta fidei (Bento XVI, Porta fidei, 6).

CRER NO DEUS DE JESUS CRISTO É CAMINHAR COM ELE

Sabemos por experiência que, seguir um caminho e não outro é sempre uma escolha. Quando se trata de seguir Jesus Cristo, esta escolha é também um risco. Porque se Deus fosse uma evidência, nós seríamos quase forçadas a caminhar atrás Dele. É o contrário que se produz: Deus nos envia discretamente seus sinais e deixa-nos livres para reconhecer sua presença e caminhar humildemente com Ele dia após dia. Seguir Jesus não é apenas caminhar ao seu lado na estrada. É caminhar com Ele, por Ele e Nele. Jesus mesmo falou: *“Eu sou o caminho”*. Seguir-Lo não seria fazer a experiência de ser um com Ele, com sua vontade? Santa Luísa passou por esta mesma experiência, por ocasião de um retiro em 1632, quando ela escreveu *“Nosso Senhor quis unir-se tão estreitamente a nós por amor... Terei grande confiança em Deus e certeza de que sua graça me basta para cumprir sua santa vontade, ainda que se apresente em coisa difícil... Honrarei também este mistério com uma fé viva e cheia de confiança de que se cumprirão em mim os desígnios de Deus, qualquer que seja o caminho por onde me conduz, desde que eu me deixe guiar* (SL, E.22, Retiro Espiritual, págs. 808-810).

Constatamos também que a fé cresce, quando é vivida como experiência de um amor recebido e quando é comunicada como experiência de graça e de alegria. *“A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar”*, dizia ainda Bento XVI (Porta fidei, 7).

Nossa vida fraterna em comunidade será então um testemunho fascinante e resplandecente na medida em que vivermos cada vez mais em

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

coerência com o espírito de nossas Constituições “*as Filhas da Caridade aspiram a viver em contínuo diálogo com Deus, colocando-se em suas mãos, com filial confiança em sua Providência. Elas contemplam o Cristo no aniquilamento de sua Encarnação Redentora e se maravilham “que um Deus não possa ou não queira, de certo modo, separar-se do homem”. Elas aprendem com Ele a revelar a seus irmãos e irmãs o Amor de Deus pelo mundo, particularmente pelos pobres. Elas procuram ser dóceis às inspirações do Espírito, convencidas de que, na medida em que forem fiéis, serão instrumentos de suas obras*” (C.17 pág.42).

Assim, viver na fé em Cristo é renovar sem cessar nosso desejo de estar com Ele, para viver com Ele. A fé viva é realmente um ato permanente de nossa liberdade que compromete nossa responsabilidade em todos os níveis e para isto precisamos do dom do Espírito Santo segundo nosso carisma, “*depende do Espírito Santo é deixá-lo criar em nós a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração*” (C.18 pág.43). Nossa Fundadora tinha bastante consciência disso: “*Preciso praticar uma humildade muito grande e uma desconfiança de mim mesma, abandonando-me continuamente à Providência e imitar, tanto quanto puder, a Nosso Senhor que veio à terra para cumprir a santíssima vontade de Deus, seu Pai...*”. (SL, E. 66 (M 40 bis), Abandono à Providência, pág. 897).

CRER NO DEUS DE JESUS CRISTO É UM COMBATE

Portanto, é essencial alimentar sua fé, pois as convicções sozinhas não são suficientes, todas nós já fizemos esta experiência. A vida cristã, e nossa vida de Filha da Caridade mais especificamente, é um combate permanente. É preciso força e coragem para resistir às tentações do maligno e anunciar o Evangelho. Para isso, temos numerosos meios à nossa disposição e nossas Constituições asseguram este nosso compromisso. As modalidades são múltiplas e sua importância leva em consideração as realidades e as necessidades pessoais, comunitárias e missionárias. Entrar neste combate para fazer vencer o amor de Deus, é uma missão cotidiana no que diz respeito à nossa fidelidade ao encontro com o Senhor. São Vicente convida as primeiras Irmãs com vigor: “*Minhas queridas Irmãs, é preciso que vós e eu tomemos a resolução de jamais faltar à oração todos os dias. Digo, todos os dias, minhas filhas, mas se fosse possível eu diria,*

não a deixemos jamais e não passemos tempo algum sem que estejamos em oração...” (C. 20 pág. 49).

Como é bom escutar, hoje, o Papa Francisco nos exortar com uma mesma energia: *“é o desejo de Deus que não pode deixar de se manifestar de alguma maneira no meio da nossa vida diária: “procura que a tua oração seja contínua e, no meio dos exercícios corporais, não a deixes...”* e mais adiante ele completa: *“contudo, para que isto se torne possível, são necessários também alguns tempos dedicados só a Deus, na solidão com Ele”* (Gaudete et exultate, 148-149).

Assumiremos este primeiro desafio, sendo uma comunidade que irradia a alegria da fé. Alegria e fé são duas realidades profundamente unidas. A fé enche o coração de alegria e conduz à ação de graças e ao louvor. A alegria vem quando alguém compreende que é amado por Deus. Uma pessoa de fé irradia a alegria, mesmo em meio à dor e à contradição, ela mantém sua alegria na adversidade e rende graças a Deus. A fé nos permite enfrentar as dificuldades com serenidade e transformar o sofrimento em oferenda, em alegria. A fé nos leva a viver numa contínua ação de graças, a admirar o que há de bom e de belo, a reconhecer o positivo e bendizer a Deus em tudo e por tudo. A alegria da fé é uma grande força missionária e suscita interrogações.

ALGUMAS QUESTÕES:

- Como irradiamos a alegria da fé? Esta é resplandecente para quem a busca ou está perdido em meio às trevas de hoje?
- Dedicamos tempo para alimentar a nossa fé, aprofundá-la, renovar nossas convicções?
- Somos capazes de realizar um diálogo verdadeiro com os outros, de reconhecer as sementes do Verbo presentes na vida deles?

2 - UMA COMUNIDADE À IMAGEM DA TRINDADE, MISTÉRIO DE COMUNHÃO

2º DESAFIO: para que nossa vida fraterna se inscreva no projeto de Deus e seja um testemunho fascinante e resplandecente, supõe-se que ela seja enraizada na Vida Trinitária. Numa vida fraterna à imagem da Trindade onde se cultiva as relações de reciprocidade, este mistério de

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

comunhão irradia (*Evangelii gaudium* n° 117, 121, n° 87 – *Vita Consecrata* n° 51, 41, 42, 21, 19, 46; C .17c).

CRIADAS PARA A COMUNHÃO

Para abordar o segundo desafio, é importante escutar de novo esta convicção essencial, fundamental que somos seres criados para a comunhão, comunhão com Deus, comunhão com nossos irmãos. Assim especificou o documento *A vida fraterna em comunidade*: “*Criando o ser humano à própria imagem e semelhança, Deus o criou para a comunhão... Ele se revelou como Amor Trindade, comunhão, chamou o homem a entrar em íntima relação com Ele e à comunhão interpessoal, isto é, à fraternidade universal*” (*A vida fraterna em comunidade*, 9).

Nós sabemos, porém, que esta comunhão à qual fomos chamados, infelizmente, foi comprometida pelo pecado que rompeu todas as relações: entre o gênero humano e Deus, entre o homem e a mulher, entre os irmãos, entre os povos, entre a humanidade e a criação. Contudo, graças ao imenso amor de Deus, nos diz São Paulo, o Pai enviou seu Filho a fim de restaurar a criação toda inteira e de levá-la à sua perfeita unidade e que, a vinda do Espírito Santo, primeiro dom feito aos discípulos, reunidos no cenáculo com Maria, realiza a unidade desejada por Cristo “*não tendo senão um só coração e uma só alma*”. Doravante, um caminho de fraternidade e de comunhão tinha acabado de se abrir com os Apóstolos, tornando possível escutar: “*Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros. Assim como eu vos amei, vós deveis amar-vos uns aos outros*” (João 13, 34).

UMA VIDA FRATERNA, CHAMADO DE DEUS

Ouvimos este chamado como batizadas, porém ainda mais radicalmente no cerne de nossa vocação. Com efeito, fomos “*chamadas e reunidas*” para ser, de certa forma, estas “*especialistas em comunhão*”, testemunhas e artesãs deste projeto de comunhão que se encontra no cume da história humana segundo o projeto de Deus. Esta comunhão que é um dom, dom do Espírito Santo que se recebe e se inscreve no mistério de comunhão que é a Igreja. Assim, como está escrito no documento *Vita*

Consecrata: “A vida fraterna intenta refletir a profundidade e a riqueza desse mistério, apresentando-se como um espaço humano habitado pela Trindade, que difunde assim na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas” (Vita Consecrata, nº 41).

É encorajador, abordar este segundo desafio, ouvindo São Vicente a dizer-nos: *“Foi Ele, portanto, que quis esta Companhia de meninas de diferentes terras e formassem todas um só coração!”* (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, sobre o amor da vocação e assistência aos pobres, pág. 166) *“A união parece-me a imagem da Santíssima Trindade. As três pessoas não formam senão um e mesmo Deus, unidas desde toda a eternidade por amor. Assim, nós não devemos ser senão um corpo em muitas pessoas, unidas todas com um mesmo desígnio, por amor de Deus”* (SV, conf. de 26 de abril de 1643, sobre a união entre os membros da Comunidade, pág. 63).

UMA VIDA FRATERNA, DOM DO ESPÍRITO

É verdade que não se pode compreender a comunidade, sem partir da realidade que ela é, um dom de Deus, sem partir de seu mistério, de seu enraizamento no coração da Trindade Santa. É por isso que *“nós somos convencidas, como convida-nos o último Documento Interassembleias, da necessidade de buscar constantemente o Evangelho para nos deixarmos transformar, dia após dia, por Cristo”* (Documento Interassembleias, pág.9).

Em virtude do enraizamento místico da comunidade, ela aparece em si mesma como uma realidade teológica. Se esquecêssemos desta dimensão mística e teologal, inevitavelmente esqueceríamos também as razões profundas de se viver em comunidade, de construir pacientemente a vida fraterna. Se nós esquecêssemos que é o próprio Cristo que nos chama e que nos convida, a cada dia, para falar-nos ao coração, para unir-nos a Ele e unir-nos na Eucaristia, a construção da vida fraterna ultrapassaria nossas forças humanas; não poderíamos ser seu Corpo Vivo e visível, animado pelo Espírito, a caminho do Pai e dos outros. *“O Espírito é também força que transforma o coração da comunidade eclesial, para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família”*, lembrava Bento XVI (Deus Caritas est , nº 19).

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

Por isso, para entrar no mistério da comunhão e da fraternidade, é preciso invocar humildemente o Espírito Santo a fim de que se cumpra o que somente Ele é capaz de cumprir: *“Eu vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós. Arrancarei do vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne; Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”* (Ez 36, 26-28).

O Papa Francisco insiste fortemente sobre este ponto: *“É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai”* (*Evangelii Gaudium*, 117).

UMA VIDA FRATERNA, TESTEMUNHO DE COMUNHÃO

Será que somos tão conscientes assim desta força profética que nasce da vida fraterna? De fato, a vida fraterna (se é realmente fraterna) dá testemunho de um Deus que é comunhão e que cria a comunhão entre as pessoas. É o *“vejam como eles se amam”* do Evangelho.

A Companhia nasceu, certamente, para o serviço de Cristo nos pobres, mas ela evangeliza em primeiro lugar pelo seu “ser”. O testemunho da comunhão fraterna é essencial para a nossa missão. A comunhão dos corações é missionária em si mesma. *“Se vês a caridade, vês a Trindade”*, escrevia Santo Agostinho. Os laços são do âmbito da comunhão dos corações, da confiança, da acolhida e do apoio. Santa Luísa se expressava assim: *“Lembrar-se-ão que as verdadeiras Filhas da Caridade para cumprirem o que Deus lhes pede, devem ser como uma só e porque a natureza corrompida nos despojou dessa perfeição, separando-nos, pelo pecado, de nossa unidade que é Deus, devemos, a fim de assemelhar-nos à Santíssima Trindade, não ser mais que um coração e agir somente com um mesmo espírito, tal como as três Divinas Pessoas. Assim, se a Irmã que trabalha com os doentes pedir ajuda à sua Irmã, a Irmã da instrução das crianças não deixará de dá-la. Igualmente, se a que é encarregada*

das meninas a pedir à dos pobres, esta fará o mesmo, julgado um e outro, emprego como de Deus somente, e ambas considerando-se escolhidas pela Providência para trabalharem de comum acordo e unidas. Portanto, nunca se deverá ouvir: isso é trabalho seu e não meu” (SL, E.55, Instruções às Irmãs enviadas a Montreuil-sur-Mer, pág. 882-883).

Não é por este motivo que a vida espiritual deve estar em primeiro lugar na nossa vida de Filha da Caridade “*se queremos ser fiéis ao desígnio de Deus e responder também às expectativas profundas do mundo*”? (Novo millennio ineunte, 43). Na dinâmica comunitária, é o Cristo que permanece, no seu mistério pascal, o modelo, segundo o qual, se constrói a unidade. O mandamento do amor mútuo tem Nele sua fonte, seu modelo e sua medida: devemos amar-nos como Ele mesmo nos amou. Um amor que se esquece de si, é para nós um verdadeiro caminho de conversão que podemos fazer a experiência quotidianamente.

Santa Luísa, conhecendo bem a natureza humana, dava alguns conselhos para encorajar a estima que conduz à comunhão fraterna e à edificação do próximo: “... *Se nos acostumarmos a estimar nossas Irmãs e a falar bem delas, criar-se-á na Companhia o espírito de união, de cordialidade, de verdadeira caridade, como parece ter sido desígnio de Deus ao formá-la. Um dos meios para adquirir este costume é trabalharmos para se chegar a um verdadeiro conhecimento de nós mesmo, mediante a experiência de nossas faltas ordinárias. Outro é o de sempre se separar os pequenos defeitos percebidos nos outros, da pessoa, interrompendo nosso julgamento e escusando os primeiros movimentos, como queremos que sejam os nossos escusados, suportando-nos por amor de Deus*” (SL, E.64, Pensamentos sobre a estima que se deve ter pelas Irmãs, pág. 895-896).

UMA VIDA FRATERNA, ACOLHIDA DAS DIFERENÇAS

Estamos convencidas de que a comunhão é um dom ofertado, mas requer uma resposta, uma aprendizagem paciente e um combate a fim de superar o que nossos desejos podem ter de demasiado instintivo e instável. Com efeito, numa comunidade, não escolhemos com quem vamos viver, e encontramos-nos com pessoas diferentes em seu caráter, idade, formação, sensibilidade, cultura e, no entanto, buscamos viver

como Irmãs. O ideal comunitário inclui necessariamente a conversão de qualquer atitude que seja obstáculo à comunhão. Assim, São Vicente estimulava as Irmãs a “*Ver sempre a Deus na pessoa das nossas Irmãs...*” Mas, também a perseverança “*vedes, portanto, minhas queridas Filhas, a obrigação que tendes de trabalhar toda a vida na aquisição e na prática destas duas virtudes (respeito e mansidão) para serdes verdadeiras Filhas da Caridade*” (SV, conf. de 19 de agosto de 1646, Sobre a prática do respeito mútuo e da mansidão, pág. 177 e 180). De sua parte, Santa Luísa exortava-as a manter uma relação cordial: “*Procurai, porém, ser-lhe (a Deus) reconhecidas, praticando as virtudes que Ele vos pede, sobretudo, grande cordialidade e bom entendimento entre as duas. Estou equivocada em recomendar-vos esta virtude sem a qual jamais poderíeis ser boas Filhas da Caridade e, nem sequer boas cristãs?...*” (SL, C. 316, pág. 357). Às minhas queridas Irmãs Cláudia Brígida, Genoveva Doinel, Filhas da Caridade, servas dos pobres doentes, Chantilly).

Hoje, nossas Constituições são nosso “vade-mécum” [compêndio] - (C. 19 a 23), caminho concreto nos convidando a desenvolver esta vida fraterna de qualidade. Em que ponto nós estamos em tudo isso? Concretamente, será que amo, em Deus e com Deus, a Irmã que me parece menos simpática? Isto só pode ser percebido a partir do encontro íntimo com o Senhor, um encontro íntimo que se torna comunhão de vontade para ir até o ponto de tocar meu sentimento. Lá, aprendo a olhar minha Irmã, não apenas com meus olhos e meus sentimentos, mas segundo a perspectiva de Cristo. Seu amigo e meu amigo! Além da aparência exterior da outra, há a sua espera interior de um gesto fraterno, de um gesto de atenção, que eu lhe oferto não somente através dos meros reflexos de uma boa educação. Vejo, com os olhos de Cristo, e posso dar ao outro muito mais do que ele necessite, posso dar-lhe o olhar de amor de que precisa verdadeiramente.

- É nesta ótica que podemos visitar novamente, por exemplo, a oração em comum e a oração pessoal, inclusive, como um tempo de encontro com o Senhor para que Ele aja em cada uma de nós, preencha a nossa vida, guie cada uma de nós e que toda a nossa existência possa pertencer-lhe.
- A Eucaristia, “*cume e fonte*” de nossa vida e de nossa missão, indispensável para construir a comunhão dos corações e contribuir para o crescimento na fraternidade: como somos fiéis a isto?

- A Leitura Orante (Lectio divina) para alimentar, fortalecer, renovar o nosso espírito e nossas vidas e construir a comunidade em torno da Palavra de Deus: como nós a praticamos?
- Os intercâmbios comunitários sob todas as formas, momentos de verdade necessários para desenvolver a qualidade das relações: em que ponto nós estamos?
- A reconciliação, fonte de conversão pessoal e comunitária para contribuir no restabelecimento da unidade da comunidade: pedimo-nos perdão mutuamente com facilidade? *“O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança”* (Misericordiae Vultus, 10).

A vida fraterna, mistério de comunhão, consiste, antes de tudo, num olhar do coração focado no mistério da Trindade que habita em nós, e cuja luz também deve ser percebida no rosto das Irmãs que estão ao nosso lado. A vida fraterna é, portanto, um chamado permanente à conversão, a ajustar-se. Ela faz parte de um processo de crescimento e, este, permanece em movimento, pois a comunhão nunca é adquirida de uma vez por todas, ela se transforma ao longo da existência. O amor cresce pelo amor. O amor, como vimos, é divino porque vem de Deus e nos une a Deus e, através desse processo de unificação, Ele nos transforma em um “Nós” que ultrapassa nossas divisões e que nos torna Um, até que no fim, Deus seja *“tudo em todos”* (1 Cor 15, 28).

Para encorajar-nos a enfrentar este segundo desafio, acolhamos e façamos nossa a oração de nosso Fundador: *“Que a bondade de Deus, princípio da verdadeira união, vos conceda a graça de evitar todos os males que a desunião pode causar; e vos conserve sempre em perfeita união com Ele, com o próximo por uma verdadeira caridade e com vós próprias pela mortificação dos sentidos e dos vossos maus hábitos e que tudo seja para Sua glória. Que Deus vos abençoe!...”* (SV, conf. de 26 de abril de 1643, pág. 73, sobre a união entre os membros da Comunidade).

ALGUMAS QUESTÕES:

- Em que ponto nós nos encontramos nesta convicção de que a vida fraterna é um dom de Deus?
- Nossa vida fraterna está realmente enraizada na Vida Trinitária?
- Nossa vida fraterna é animada por uma espiritualidade de comunhão?
- A “mística” do viver juntas transmite-se fora da comunidade?

3 - UMA COMUNIDADE COMPROMETIDA COM O SERVIÇO DOS MAIS FRÁGEIS, MISTÉRIO DE FRATERNIDADE

3º DESAFIO: para que nossa vida fraterna manifeste a misericórdia de Deus e seja um testemunho fascinante e resplandecente, supõe-se um amor gratuito, incondicional pelos mais fracos, uma autêntica proximidade. Uma visão de fé e o amor colocado em prática segundo a C. 16b.

UMA VIDA FRATERNA MISSIONÁRIA

Trataremos deste terceiro desafio a partir de uma afirmação central do documento sobre a Vida Consagrada. Ela coloca-nos bem na essência do desígnio de Deus, *“À imagem de Jesus, dileto Filho “a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36), também aqueles que Deus chama a seguir Cristo são consagrados e enviados ao mundo para imitar o seu exemplo e continuar a sua missão”* (Vita Consecrata, 72).

Por isso, após ter evocado a necessidade vital de estar unidas a Deus, de estar em comunhão profunda com Ele, para que uma vida fraterna de qualidade à imagem da Trindade, seja missionária, somos chamadas a revelar o amor de Deus; somos enviadas, em seu Nome, para ser sua ternura, sua presença junto aos que estão sofrendo a exemplo de Cristo servo e evangelizador.

São Vicente expressava esta unidade dinâmica às primeiras Irmãs *“a todas considero boas, mas a alma que ama deveras a Nosso Senhor e a Santíssima Virgem, que, em tudo que faz, apenas tem em vista agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo, é como que uma chama de amor que penetra os corações daqueles a quem fala. ...Certamente que é muito tratar dos pobres, quanto ao corpo, mas, em verdade, os desígnios de Nosso Senhor, ao fundar a vossa Companhia, não foi para que tratassem somente dos corpos, porque nunca faltariam pessoas que o fizessem, mas sim que tratassem das suas almas e, por isso, deveis considerar no vosso interior...”* (SV, conf. de 11 de novembro de 1657, pág. 676-677).

UMA VIDA FRATERNA CONFIGURADA AO CRISTO SERVO

Desde o começo, de fato, o serviço corporal esteve unido ao espiritual, humanização e evangelização andam juntas. Somos bem mais conscientes de que o mundo se move, e de que os valores cristãos são frequentemente abafados, que a dignidade dos mais fracos é constantemente violada e que nossa responsabilidade é interpelada cada vez mais. A missão, efetivamente, antes de se caracterizar pelas obras exteriores, consiste em tornar presente no mundo o próprio Cristo pelo nosso serviço. Eis o desafio, quanto mais nos deixarmos configurar ao Cristo servo, mais torná-lo-emos presente, agindo no mundo para a salvação dos pobres. Nossa vida será tanto mais missionária e atraente quanto mais interior for o dom de nós mesmas a Deus e nossa vida comunitária será cada vez mais fraterna.

“Deixastes a vossa terra, família e bens; e para quê? Para amar Nossa Senhor e as Suas máximas. Sois suas filhas e Ele é vosso Pai; gerou-vos e deu-vos o Seu espírito; pois quem visse a vida de Jesus Cristo veria coisa semelhante na Filha da Caridade” (SV, conf. de 9 de fevereiro de 1653, pág. 388).

Para fazer isso, são requeridas, evidentemente, disposições de abertura e acolhida. É necessário abrir seu coração às sugestões interiores do Espírito, que convida a entender em profundidade os desígnios da Providência. Sim, o Espírito Santo convida-nos a dar novas respostas aos novos problemas do mundo de hoje. *“O que faria Jesus Cristo?”* Buscar, em tudo, a vontade de Deus para traduzir com coragem e audácia engajamentos e prioridades missionárias que estejam de acordo com o nosso carisma e com as exigências das situações concretas.

“Na escola do Filho de Deus, as Filhas da Caridade aprendem que nenhuma miséria lhe deve ser estranha. Cristo interpela continuamente a Companhia pelos irmãos e irmãs sofredores, pelos sinais dos tempos, pela Igreja. Múltiplas são as formas de pobreza, múltiplas são as formas de serviço; um é o amor que Deus faz naquelas que ele ‘chamou e reuniu’” (C. 11a pág. 32).

UMA VIDA FRATERNA ABERTA A TODOS

Uma comunidade fraterna se manifestará, portanto, pela acolhida, pelo acompanhamento dos pequenos e abandonados, por uma disponibilidade itinerante. Uma comunidade fraterna aberta e acolhedora irradiará a alegria da fé, pois a acolhida é um dos sinais de uma comunidade viva. Isto implica ter um coração aberto para ser disponível, para acompanhar verdadeiramente nossos irmãos e irmãs sofredores nas suas realidades de pobreza a fim de dar-lhes novamente a esperança.

Uma comunidade de coração aberto, de portas abertas está atenta a todos os tipos de pobreza. É neste sentido que o Papa Francisco nos exorta a nos deslocarmos até às periferias existenciais onde há sofrimento, solidão, miséria humana. Jesus nos espera no coração de tantas pessoas machucadas e feridas pela vida. Poderemos dizer que, para nós, isso é um “pequeno lembrete” à maneira de São Vicente que engajava fortemente suas filhas a buscar “*os mais pobres e os mais abandonados*” (SV, vol. XI, pág. 402, sobre o amor aos pobres), e por sua vez, Santa Luísa as encorajava: “*Oh! Que felicidade, se sem ofender a Deus, a Companhia servisse apenas os estritamente pobres!*” (SL E. 821; C.11b pág. 32 - Inconvenientes para a Companhia).

UMA VIDA FRATERNA, EXPRESSÃO DA TERNURA DE DEUS

É evidente que somos chamadas a descobrir sem cessar Jesus no rosto dos pobres e a ser a ternura de Deus junto a cada um. “*O Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura*”, nos lembra Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*, 88) fazendo eco ao que dizia nossa Fundadora “*Como seria razoável que aquelas a quem Deus chamou para seguir seu Filho (...), tentassem transformar sua vida num prolongamento da sua!*” (SL, C. 384, pág. 421).

“Assim, somos convidadas permanentemente a desenvolver este olhar, para descobrir Jesus no pobre“...*servir os pobres na pessoa de Nosso Senhor.*” (SL, C. 316, pág. 358) e para imitar Jesus nas suas atitudes “*à imitação de Nosso Senhor... tenham grande compaixão pelos pobres doentes que sofrem muito, sem outra assistência...*” (SL, E. 91, pág. 927). Um movimento duplo, porém, um só amor!

Nossa missão é exatamente o prolongamento da de Jesus, manifestação do amor, da caridade. As atitudes fundamentais que daí nascem são múltiplas e nós as conhecemos: ternura, cordialidade, doçura, bondade, afeição, dedicação... Santa Luísa resumia isso numa curta fórmula “*amar com ternura e respeitar profundamente*” (SL, C.322, pág. 365). Seguramente, nosso serviço, sem o respeito, cairia no risco de ser recebido como humilhante, como desprezível; enquanto que a caridade é esta atenção incondicional aos mais pobres.

Hoje, podemos acrescentar ainda as palavras do Papa, “*aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo”... Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação*”. (Evangelii Gaudium, 199).

Para enfrentar este terceiro desafio, nossa vida fraterna implica, portanto, em relações impregnadas por uma fé viva; pois o amor por cada um é em Cristo o sinal do amor de Deus pela humanidade. Ele compreende o serviço corporal e espiritual. Com efeito, no serviço autêntico da caridade, o que está em jogo, é a visão do homem, que não se pode reduzir a um único aspecto, já que isso inclui todo ser humano, enquanto filho de Deus criado à sua imagem. “*Vós servis a Jesus servindo os pobres*”. Estamos convencidas de que os pobres são, antes de tudo, pessoas e no seu rosto se esconde o rosto de Cristo. Eles são “*sua carne*”, sinais de seu corpo crucificado, dizia ainda o Papa Francisco. É realmente o coração do nosso carisma.

Uma vida fraterna onde o serviço amoroso dos mais frágeis está no centro, onde a preocupação com a promoção integral deles é incondicional, onde uma proximidade autêntica é o sinônimo da fraternidade, esta vida fraterna irradiando o respeito pela dignidade do mais humilde, não seria resplandecente e fascinante?

QUESTÕES:

- Atitude de serva e fraternidade autêntica com os mais frágeis: em que ponto nós nos encontramos? Nossa vida fraterna gera esta proximidade com todos?

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

- A qualidade de nossa vida fraterna revela um Deus que ama a cada um e não deixa que nenhum se perca?
- Nossa vida fraterna é um lugar de revitalização, de interpelação e de envio renovado na alegria àqueles a quem Deus nos confia?

4 - UMA COMUNIDADE DINAMIZADA PELO ESPÍRITO DAS BEM-AVENTURANÇAS, MISTÉRIO DE SANTIDADE

4º DESAFIO: para que nossa vida fraterna testemunhe a força transformadora da Boa Nova e seja um testemunho fascinante e resplandecente, supõe-se que sejamos animadas, dinamizadas pelo Espírito das Bem-Aventuranças.

Como para os desafios precedentes, é bom se referir a um texto de base para fundamentar nossa reflexão. Cito o documento *Vita consecrata*: “...As comunidades de vida consagrada são enviadas a anunciar, pelo testemunho da sua vida, o valor da fraternidade cristã e a força transformadora da Boa Nova, reconhecendo a todos como filhos de Deus e leva ao amor oblativo para com todos, especialmente para com os últimos. Estas comunidades são lugares de esperança e de descoberta das Bem-aventuranças, lugares onde o amor, haurido na fonte da comunhão que é a oração, é chamado a tornar-se lógica de vida e fonte de alegria” (Vita consecrata, 51).

Este quarto desafio não seria o teste de autenticidade da nossa vida fraterna já que somos chamadas a sermos estes lugares de esperança e de descoberta das Bem-aventuranças segundo nosso carisma? Viver esta fraternidade que irradie desde já um pouco desta felicidade cujas Bem-aventuranças falam; a felicidade do Evangelho. Uma vida fraterna que é o caminho de felicidade prometido por Jesus: “*felizes são aqueles que...*”.

VIDA FRATERNA, CAMINHO DE FELICIDADE

Proclamando as Bem-aventuranças, Jesus nos convida a percorrer com Ele a via do amor como já dissemos. Ele nos assegura a sua graça, se abrimos nosso coração. Ele nos deixa experimentar uma paz e uma alegria que somente Deus, Amor infinito, pode nos dar.

Não era isso que São Vicente dizia às primeiras Irmãs desde 1634: “... *Nosso Senhor no-la prometeu ao dizer (...) quando estiverem muitos com o mesmo fim de servirem a Deus, meu Pai e Eu viremos fazer neles a nossa morada, se nos amarem....Vejam portanto, minhas Filhas, como deveis passar as vinte e quatro horas que compõem o dia, os dias que compõem os meses, e os meses os anos que vos conduzirão à eternidade*” (SV, conf. de 31 de julho de 1634, Explicação do regulamento, pág. 01).

A eternidade não seria, então, esta felicidade que Jesus nos promete nas Bem-aventuranças? Esta felicidade nos coloca a caminho como escutamos há pouco. “*Vejam, portanto, minhas Filhas, como deveis passar as vinte e quatro horas que compõem o dia, etc. quais delas vos conduzirão à eternidade!*” Não será uma maneira de indicar às primeiras irmãs o caminho delas de santidade?

- Então, perguntemo-nos: nossa vida fraterna se inscreve nesta caminhada rumo à santidade?
- Como colocamos em prática o que Jesus declara no Sermão das Bem-aventuranças, pois através delas se desenha o rosto de Jesus que somos chamadas a revelar no quotidiano de nossas vidas?

VIDA FRATERNA, CAMINHO DE SANTIDADE

A vida fraterna é para nós caminho de santidade. Hoje, o Papa Francisco nos indica algumas referências: “*Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade*” (Gaudete exsultate, 15). “*Ser pobre no coração: isto é santidade!*” (70), “*Reagir com humilde mansidão: isto é santidade!*” (74) “*Saber chorar com os outros: isto é santidade!*” (76) “*Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade!*” (79) “*Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade!*” (82) “*Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade!*” (86) “*Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade!*” (89) “*Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade!*” (94) “*Precisamos dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. Desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação*”. (31) Parecíamos escutar São Vicente falando, não é?

Portanto, as Bem-aventuranças nos colocam a caminho, **pessoalmente, mas também comunitariamente, para esta felicidade verdadeira que Jesus nos promete. Certamente**, elas traçam uma via de acesso à felicidade singular e paradoxal. Como expressa tão claramente a pastora Leila Hamrat: “ao nosso apetite de riqueza, elas opõem a pobreza; à nossa agressividade, a mansidão; à nossa sede de prazeres, a paciência e o amor da justiça; à nossa dureza, a misericórdia; à nossa inclinação ao mal, a pureza de coração. Por ter colocado nossa vida nas mãos de Deus, a felicidade deixa de ser ausência de infortúnio para tornar-se transfiguração do infortúnio. A felicidade deixa de ser o que se conquista, para tornar-se o que se recebe. A felicidade não reside apenas no fato de estar feliz no mundo, mas no gesto de tornar o mundo feliz. A felicidade não está no acúmulo dos prazeres da vida, mas no prazer de viver. Finalmente, a felicidade das Bem-Aventuranças se alimenta de promessas de felicidade. Bem-aventurado, portanto, são aqueles cuja vida se move nesse sentido: *“Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus!”* (Mt 5,12).

As Bem-aventuranças nos colocam a caminho, porém, através delas descobrimos o rosto de Jesus a quem somos chamadas a revelar no cotidiano de nossas vidas. *“A palavra “feliz” ou «bem-aventurado” torna-se sinônimo de “santo”, nos diz ainda o Papa Francisco, “porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade”* (64) e ele acrescenta: *“As Bem-aventuranças não são, absolutamente, um compromisso leve ou superficial; pelo contrário, só as podemos viver se o Espírito Santo nos permear com toda a sua força e nos libertar da fraqueza do egoísmo, da preguiça, do orgulho”* (65).

Esta radicalidade à qual somos chamadas pessoalmente, mas também juntas, atravessa toda nossa vida, atinge profundamente nosso dom total a Deus. Se temos uma vida fraterna animada pelo espírito das Bem-aventuranças, nós nos encorajamos a dar o melhor de nós mesmas, a ir com audácia na contracorrente das ideologias que circulam, a resistir à superficialidade, a assumir nossas responsabilidades e a enfrentar os grandes desafios da vida. *“...para que seja do agrado de Nosso Senhor Jesus Cristo comunicar-vos seu Espírito (...) e assim, nos vejamos tão cheias dele que nada possamos dizer nem fazer senão para sua glória e seu santo Amor”* (SL, C.359, pág. 397-398, à minha querida Irmã Joana Lepintre).

VIDA FRATERNA NA CONTRAMÃO

Uma vida fraterna dinamizada pelo espírito de Cristo, o das Bem-Aventuranças, suscita humildade, mansidão, generosidade, disponibilidade, audácia e irradia uma vida fraterna transformada, transfigurada. O que implica estar na contramão daquilo que a mentalidade individualista moderna promove, pois a dimensão comunitária é uma graça, nos diz ainda o Papa, que pode conduzir até o dom de sua própria vida, podemos pensar em nossas Irmãs mártires na Companhia... A comunidade está longe de ser um lugar para tranquilizar-se, um meio para ser mais eficaz no apostolado, como podem pensar certas pessoas, porém, como destaca o Santo Padre, o lugar do sacrifício de sua própria vida e da presença de Cristo: *“A comunidade é chamada a criar aquele “espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”. Partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia torna-nos mais irmãos e vai-nos transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária”* (Gaudete exsultate, 142).

A vida fraterna à luz das Bem-aventuranças, portanto, implica vigilância, um combate, uma luta não somente contra nossas próprias fragilidades e limites, uma atmosfera consumista... mas também contra o maligno, como Jesus o chama, e que constantemente busca nos desmobilizar, nos fazer desistir, nos causar problemas, semear confusão, rejeição... Mas não vou me estender sobre este combate espiritual que já evoquei nos desafios anteriores. Entretanto, hoje mais do que nunca temos uma necessidade imperiosa de discernimento para não nos enganarmos em impasses sempre novos.

VIDA FRATERNA E NOSSOS MESTRES, OS POBRES

A vida fraterna à maneira dos pobres. Se somos humildes e atentas, como Mère Guillemin o dizia na sua Circular de 2 de maio de 1968: *“Os pobres nos ensinam sem palavras a bela simplicidade, a verdadeira pobreza, a partilha do necessário, a solidariedade e tantos outros sinais da obra de Deus neles contidos. Escutemos os nossos irmãos e irmãs que são pobres, são nossos mestres espirituais, e nos ensinam através de suas vidas, tão próximo do Evangelho, é uma das maiores graças de nosso estado...”*

Recentemente, o Papa Francisco chamava a atenção dos jovens neste mesmo sentido: *“os pobres não são pessoas a quem podemos apenas dar qualquer coisa. Eles têm tanto para nos oferecer, para nos ensinar. Muito temos nós a aprender da sabedoria dos pobres!”* (Mensagem do Papa Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude 2014).

VIDA FRATERNA E A COLABORAÇÃO MISSIONÁRIA

A colaboração fraterna no interior da comunidade como no exterior é caminho de santidade. Foi Deus quem primeiro nos chamou para colaborar com Ele e nos estimula constantemente nesta dinâmica missionária. A colaboração atravessa todas as dimensões de nossa vida, ela conduz a uma complementaridade recíproca, a unidade na diversidade dos dons que o Espírito Santo derrama nos nossos corações. *“Os desafios da missão são tais que não podem ser eficazmente enfrentados, tanto no discernimento como na ação, sem a colaboração de todos os membros da Igreja”* (Vita consecrata 74). Esta colaboração implica num engajamento mútuo permanente onde *“cada uma doa e recebe e coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço de todas”* (C. 32b) mas também, uma colaboração com todos os atores que trabalham em favor da defesa e da reinserção dos mais frágeis. *“Somos convidados a aprender a difícil arte da relação com o diferente e da colaboração cordial para construir juntos”* (Carta do Cardeal Braz de Aviz, 29 de junho de 2016: Anunciai, nº 73, pág. 82).

Uma vida fraterna dinamizada pelas Bem-aventuranças inscreve-se naturalmente neste processo de colaboração onde cada um encontra seu lugar, inclusive os mais humildes. Portanto, este não seria então, o começo da felicidade prometida? Colaboração no interior como no exterior, sinônimo de entreatura onde a confiança interpessoal é a palavra-chave. *“Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, e para que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17, 21). Sabemos que a colaboração está alinhada com nossas origens; o ano da colaboração vicentina foi ocasião de reafirmar isso, além de nos relançar nesta dinâmica ligada a nossa família espiritual. Em que ponto nós nos encontramos? A memória das origens pode reativar nossa confiança no poder do Espírito: Pedro então lhe disse: *“Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o nazareno, levanta-te e anda!”* (At 3, 6).

Nós enfrentaremos este quarto desafio através de uma vida fraterna que testemunhe esta força transformadora da Boa Nova, de uma caridade sem fronteiras, assim, ela irradiará de uma felicidade que vem de outro lugar, *“Felizes sereis vós se fizerdes assim!”* As Bem-aventuranças serão nossos “novos odres”, guiando constantemente nosso relacionamento com Deus, com os bens materiais, com os outros e principalmente com os pobres. Uma vida fraterna no coração da qual a imitação de Cristo e o amor aos pobres são indissociáveis, como as duas faces de uma mesma medalha. Como esta vida fraterna não seria um testemunho fascinante e resplandecente?

ALGUMAS QUESTÕES:

- Nossa vida fraterna está em conformidade com o espírito das Bem-Aventuranças?
- Qual é a relação entre a vida fraterna e nossos Votos?
- Nossas comunidades são “cenáculos de fraternidade” onde os jovens podem questionar-se sobre sua vocação?

CONCLUSÃO

Gostaria de dizer a todas, a exemplo de nossa Fundadora: *“Pedi à Santíssima Virgem seja ela vossa única Mãe”!* Afinal uma vida fraterna onde a Virgem Maria é reconhecida como tal é uma bênção! Como uma Mãe, ela nos educa na fé, na esperança e no amor, e juntas irradiaremos a ternura de Deus. Não tenhamos medo de pedir-lhe para fazer de nossas comunidades estes pequenos “cenáculos de fraternidade”, assim nosso testemunho será fascinante e resplandecente. Sim, voltemo-nos para ela com confiança, ela está aqui para nos acompanhar, para nos ajudar neste caminho exigente, porém, resplandecente de fraternidade. Ela está próxima de nós, próxima porque está em comunhão permanente com a Vontade de Deus: *“Bem-aventurada aquela que acreditou, porque será cumprido o que o Senhor lhe prometeu!”* Próxima de nós porque está preocupada com os outros: *“eles não têm mais vinho!”* *“Fazei tudo o que ele vos disser!”* Próxima de nós porque viveu as Bem-aventuranças: *“Bem-aventurada aquela que escuta a palavra de Deus e a põe em*

Testemunho das Irmãs

prática!” Tão próxima que podemos pedir-lhe com o Papa Francisco (Praça de São Pedro, 31 de maio de 2013).

*Maria, mulher da escuta, abre nossos ouvidos;
faz com que saibamos escutar a Palavra de teu Filho Jesus entre
as mil palavras deste mundo;
faz com que saibamos escutar a realidade em que vivemos,
cada pessoa que encontramos, especialmente aquela que é pobre,
necessitada, em dificuldade.*

*Maria, mulher da decisão,
ilumina nossa mente e nosso coração, para que saibamos obedecer
à Palavra de teu Filho Jesus, sem hesitação;
dá-nos a coragem da decisão, de não nos deixar arrastar para
que outros orientem nossa vida.*

*Maria, mulher da ação,
faz com que nossas mãos e nossos pés movam-se “depressa” em
direção aos outros,
para levar a caridade e o amor de teu Filho Jesus, para levar,
como tu, a luz do Evangelho no mundo.
Amém.*

Irmã Antoinette Marie HANCE
Filha da Caridade

Província da Amazônia (Brasil)

Ajudar os pobres na Amazônia durante a Pandemia de 2020

As vinte Comunidades de Irmãs da Província da Amazônia estão situadas em três estados do norte do Brasil: Amazonas, Pará e Roraima. Aqui, a população indígena está indefesa perante a fúria destruidora do vírus COVID-19. As pessoas que podem, vão para os hospitais das capitais: Manaus, Belém e Boa Vista em busca de cuidados médicos.

O primeiro efeito da COVID-19 sobre a população é o da fome. Desde a chegada do vírus, os mais pobres, que estão habituados ao trabalho diário, encontram-se sem pagamento e por isso não podem comprar comida. O outro efeito dramático é o desespero de muitas famílias que veem os seus entes queridos morrer quase sem qualquer ajuda.

Tendo em conta a recomendação das autoridades sanitárias brasileiras de manter o distanciamento social, as Irmãs ajudam, de acordo com as suas possibilidades, os pobres lá onde se encontram, tentam dar uma assistência às necessidades mais básicas: alimentação, saúde, medicamentos; e, para as famílias sem rendimentos, pagam as contas do aluguel, gás, eletricidade e água. Apesar do medo de contaminação, encontram sempre "anjos da guarda" para ajudá-las a fazer entregas onde não podem ir. Graças a Deus!



Atualidades
da
Província

Em Cametá, no estado do Pará, a 236 km da capital Belém, temos um Hospital-Maternidade. Este estabelecimento de saúde, em parceria com o governo municipal, assiste a população das zonas rurais distantes da capital e oferece-lhe atendimento aos pacientes de complexidade média. As Irmãs dedicam-se aos doentes e às parturientes. Infelizmente, como é o caso em todo o país, assistimos ao colapso do sistema de saúde. O sistema de saúde na Amazônia sempre foi muito precário, pois, todos os anos, de forma cíclica, outras epidemias devem ser combatidas. A pandemia de coronavírus veio, portanto, juntar-se a um sistema de saúde estruturalmente muito frágil. Nestas condições, o sistema de saúde tornou-se inexistente e é impossível fazer face a uma pandemia deste tipo. Sentimo-nos realmente desamparadas. Os pacientes com coronavírus recebem os primeiros socorros da equipe de saúde do hospital, e depois vão para casa com medicamentos e instruções a seguir durante o tratamento da doença. Mas há muitas mortes, e sentimos a tristeza e a revolta das famílias face a esta pandemia.

Outra ação que estamos a realizar é o apoio, em parceria com a Família Vicentina de Belém, aos idosos da Casa "São Vicente de Paulo". Esta instituição de longa permanência é administrada pela AIC Belém. Os residentes são muito pobres e não têm meios para cuidar de si-mesmos; porém, neste período de crise sanitária e econômica, as doações são cada vez mais escassas e torna a situação dramática.

Contribuímos também no serviço das pessoas desabrigadas e toxicodependentes. Duas Congregações religiosas dirigem uma Associação chamada "Crianças de Belém" que ajuda as pessoas de rua e aquelas que não têm recursos, não têm habitação e que precisam de tratamento. Devido a esta pandemia, o número de pessoas nas ruas de Belém aumenta diariamente. Por isso, contribuímos na reparação dos dois carros da Associação, a fim de utilizá-los para a coleta de material e doações de alimentos. Reabilitamos também uma antiga casa para abrigar os sem-teto e expandimos as áreas de acolhimento da Associação com uma pequena reserva de alimentos e medicamentos.

Desde o início do confinamento obrigatório, não existem máscaras nas lojas para as pessoas se protegerem. Assim, as Irmãs tomaram a iniciativa de costurar máscaras para oferecer gratuitamente aos pobres: primeiro aos desabrigados, depois a todos aqueles que necessitam.

Rezamos todos os dias por aqueles que estão doentes com este vírus e por suas famílias, pelas equipes de enfermagem dos hospitais e por todos aqueles que perderam um dos seus durante esta cruel pandemia. Que o Bom Deus nos proteja!

Irmã Anagilsa SAMPAIO BENTES
Filha da Caridade

